

Luciana Ferreira

50 UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

Mulher

ALIENÍGENA

Crônicas/Contos



editoraUFOP

MULHER ALIENÍGENA
CRÔNICAS/CONTOS



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

Reitora

Cláudia Aparecida Marlière de Lima

Vice-Reitor

Hermínio Arias Nalini Jr.



editora**UFOP**

Diretor Executivo

José Rubens Lima Jardimino

Coordenador Editorial

Daniel Ribeiro Pires

Assessor da Editora

Alvimar Ambrósio

Diretoria

Francisco José Daher Jr. (Coordenador de Comunicação Institucional)

Paulo de Tarso Amorim Castro (Presidente do Conselho Editorial)

Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp (Proex)

Sérgio Francisco Aquino (Propp)

Tânia Rossi Garbin (Prograd)

Daniel Ribeiro Pires (Representante TAE)

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Prof. Dr. Douglas da Silva Tinti

Prof. Dr. Flávio Pinto Valle

Prof. Dr. Paulo de Tarso Amorim Castro

Luciana Ferreira

MULHER ALIENÍGENA

CRÔNICAS/CONTOS

1ª edição

Ouro Preto
2023



© EDUFOP

Coordenação Editorial

Daniel Ribeiro Pires

Capa

Varnei Rodrigues

Diagramação

Propagare Comercial Ltda.

Revisão

Tikinet

Ficha Catalográfica

(Elaborado por: Elton Ferreira de Mattos - CRB6-2824, SISBIN/UFOP)

F383m Ferreira, Luciana.

Mulher alienígena : crônicas/contos / Luciana Ferreira. – 1. ed. –

Ouro Preto : Editora UFOP, 2023.

124 p.

1. Mulheres - Ouro Preto (MG). 2. Mulheres e literatura - Ouro Preto (MG). 3. Sociedade civil. 4. Machismo. 5. Universidade Federal de Ouro Preto. I. Título.

CDU: 3-055.2(815.1)

ISBN 978-65-89785-13-2

Todos os direitos reservados à Editora UFOP. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio ou forma sem prévia permissão por escrito da Editora. A originalidade dos conteúdos e o uso de imagens são de responsabilidade dos autores da obra.

Obra aprovada no Edital 50 anos da UFOP - 03/2019 e publicada apenas no ano de 2023 em decorrência dos prejuízos operacionais causados pela PANDEMIA DO COVID-19.

EDITORA UFOP

Campus Morro do Cruzeiro

Centro de Comunicação Institucional, 2º andar

Ouro Preto / MG, 35400-000

www.editora.ufop.br / editora@ufop.edu.br

(31) 3559-1463

Aos meus seis mosqueteiros.

SUMÁRIO

11	PREFÁCIO
13	SOU MÃE DE <i>VIDAS SECAS</i>
15	A CULPA É DA MÃE
17	O PODER DA VERRUGA
21	CERTAS ESCOLHAS
25	UMA MOSCA NA AULA DE LINGUÍSTICA
27	AS TRÊS SENHORAS
29	VIAGEM DE ÔNIBUS EM OURO PRETO
31	O MENINO E O SMARTPHONE
33	UM DIA DE FÚRIA DE UMA MULHER
39	A TEIA DE ARANHA
43	COMUNICAÇÃO PROXÊMICA
47	O LIXO NO CASAMENTO
49	A PASSAGEIRA
51	AGÊNCIA DE CASAMENTO
53	DÍÁLOGO NA CAMA
55	O NATIVO

59	O HOMEM E SEU SMARTPHONE
61	COMO SER UMA FEMINISTA DE ARAQUE
63	DOCE ILUSÃO
67	AS JANELAS DO DESTINO
71	NINGUÉM PERDE POR NOTAR
73	TANTO AMOR PODE MATAR
77	OS BONS MORREM JOVENS
79	A VIDA É UM CIRCO
81	HISTORINHAS DO BAÚ: CURIOSIDADE SOBRE OS ANIMAIS
85	POR QUE HOMEM SÓ FALA DE FUTEBOL?
89	OS QUATRO DO PONTO
91	FARINHA LUMINOSA
93	<i>LOXOSCELES?</i>
95	MENINO FEIO
97	O QUE VOCÊ DIRÁ QUANDO PERGUNTAREM SOBRE A SUA INFÂNCIA?
101	O CLIMATÉRIO DO MUNDO
103	A MULHER TEM DATA
105	O BRASIL DO FUTURO

- 107 UMA EMPREGADA PARA CHAMAR DE SUA
- 111 SONHOS DE UMA MESTRANDA: SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE
- 113 FUTEBOL: O CULTO AO CULTO
- 115 O PÊNDULO E A MAÇÃ
- 117 O MUNDO SÓ VAI MUDAR QUANDO CADA UM LAVAR O SEU
PRÓPRIO BANHEIRO
- 119 AS CRIANÇAS QUE MATAMOS
- 123 SOBRE A AUTORA

PREFÁCIO

O conjunto de textos presente neste livro leva-nos a reflexões profundas e às vezes bem-humoradas sobre as relações simbólicas dentro de nossa sociedade atual, sob a ótica de uma mulher ouro-pretana, cuja mãe foi empregada doméstica e o pai operário e artista; sendo a primeira integrante de sua família a ter conseguido entrar para a universidade, a autora versa com experiência sobre as dificuldades enfrentadas por uma mulher, precocemente mãe e separada, na busca de seu aperfeiçoamento dentro de uma sociedade ainda hostil para as mulheres.

Originalmente, os textos foram escritos no blog *mulheralienigena.blogspot.com*, ao longo de mais de dez anos, em que a autora dedicava alguns minutos para colocar suas reflexões sobre a realidade em que vivia e expressar suas experiências.

Poderíamos dizer que os textos aqui apresentados são uma fusão de dois gêneros, pois, como mensageiros do cotidiano presenciado pela escritora, pontuados por momentos reflexivos, os pequenos contos nos trazem um retrato de situações peculiares e marcadas no tempo, embora possam extrapolá-lo, dando o caráter de crônica aos escritos.

As passagens nos trazem panoramas da realidade ouro-pretana e de seus habitantes, como os pitorescos e peculiares personagens que atravessam as ruas diariamente, conhecidos, aceitos e respeitados por todos. Alguns textos nos trazem reflexões sobre as relações humanas, sobre pais e filhos, sobre as prioridades e as escolhas que fazemos em nossas vidas.

Alguns contos ainda fazem menção à vida universitária e pós-universitária, assim como às dificuldades enfrentadas nessa jornada estudantil, quando há muito o que fazer e pouco tempo disponível. Enfim, são textos leves, às vezes profundos, que versam sobre uma realidade do ponto de vista de uma cidade especial, mas que também falam sobre os conflitos de nosso tempo, de todos os tempos.

SOU MÃE DE VIDAS SECAS

Eu não sou mãe de “margarina”, sou mãe de *Vidas Secas*, porque minha vida sofreu de secura adocicada, de proteção com agruras e assim me tornei agri-doce. Desde cedo, aprendi a controlar o meu choro, para não deixar que se derramassem todas as minhas fraquezas diante dos inimigos e dos amigos, e sofri afogamento. Afoguei-me tantas vezes, que o meu peito parecia explodir, estufado com tantas amarguras, tristezas e alegrias contidas, todas espremiam o coração. A rudeza da minha verdade pareceu mais seca que o agreste, mas edificava obras reais nos corações, não castelos de areia ou paraísos utópicos. Assim sou mãe.

Sou a mãe que se preocupa se a comida vai dar, se a luz vai acender, se o caderno acabou. Sou mãe que não promete, diz que vai pensar, mas se der, é sim. Sou mãe que quer que os filhos voem, com suas próprias asas, e que aprendam a economizar os seus lápis, porque custam dinheiro e recursos, e que, na vida real, se não cuidarmos de nossas coisas, não terá alguém para nos repor a todo momento. Sou mãe que diz a verdade, mesmo que seja tabu, porque contra fatos não há argumentos. Sou mãe que pratica a maldade de exigir que o filho enfrente as consequências de seus atos, que limpe sua sujeira e que aprenda que ninguém é seu escravo. Não sou mãe de “*I love you, Barney*”, eu sou mãe de “vá em frente e enfrente!”

Faltam-me beijinhos nas bochechas, talvez abraços e “eu te amo”. Falta-me abrir o meu peito e deixar sair tudo o que está enterrado desde a infância e que me sufoca, mas rasgar o peito de uma vez não é nada fácil. Falta-me um pouco mais de açúcar e pimenta. Não que não os tenha em estoque, mas porque me habituei a outros sabores. Mas não me faltam o compromisso, a presença, a orientação e o incentivo. Não me falta o amor, mesmo que por linhas tortas.

Eu sou mãe. Não por vocação, talvez por acidente ou escolha. Sou mãe que, uma vez sendo, não foge da raia. Sou mãe que sabe que talvez

ser não seja o suficiente e que talvez o trabalho realizado também não seja. Sei que posso não ser compreendida ou aceita, sei que talvez não seja a mãe ideal. Mas sou essa mãe. Uma mãe real do dia a dia, das agruras, das doçuras, das dores, dos bonecos e deveres de escola. Sou mãe que só quer contribuir, mas que não aceita ser menos que mãe.

A CULPA É DA MÃE

A culpa é da mãe. Foi ela quem não amamentou o filho de maneira e por tempo adequados para que ele se sentisse amado e desenvolvesse aptidões afetivas sem deixar consequências traumáticas. Foi ela quem não teve tempo o bastante para suprir as carências do rebento, fornecer-lhe respostas e instruções apropriadas para ser bem-sucedido e seguro. Aquela mãe que trabalhou demais e deixou os filhos na casa dos outros, a culpa é dela! Ela que teve filhos tão cedo na vida e que, de certa forma, teve que estar preparada para abrir mão de si mesma, de sua individualidade, de sua intimidade, de seus sonhos, mas que, de vez em quando, quis sair à noite com os amigos e esquecer que não era só uma mãe, a culpa é dela. A culpa é dela que não deu um pai ao filho, ou que expulsou o cafajeste de casa; a culpa é dela por não ter paciência depois de um dia enorme de chateações e trabalho, tentando levar comida para casa. Se ela não abandona, é culpada, se desiste, é culpada, e se não deseja ter filhos, é pior que todas as outras.

A culpa é da mãe. É dela a culpa pela disputa feminina e rivalidade com a filha e de todos os problemas psicológicos e sexuais dos Édipos. A culpa é dela se protege demais, se cobra, ou se não o faz. A culpa é da mãe por formar assassinos, psicopatas, fracos, frouxos, safados, hipocodríacos, antissociais, alienados e toda a escória social e moral. A culpa é da mãe.

Se está presente, mas não vive no mundo da Dorian ou do Barney, é culpada. Se vive cheia de palavrinhas vazias de amor eterno, mas é uma perversa e irresponsável, é culpada. Até mesmo as que andam na linha são culpadas, pois não há uma regra para ser uma mãe perfeita, embora digam que todas as mães sejam perfeitas e que haja uma ligação biológica ou cósmica entre mães e filhos. A mãe é o centro do Universo e é a culpada pela danoção humana. Tudo é a mãe. Filhos da mãe.

Não sei quanto a casais homossexuais, onde a mãe entra, como e quando; de quem será a culpa? Quem será a mãe? E quanto aos filhos que jamais foram alimentados no seio da mãe? E quanto aos que tiveram ama de leite? Os que foram viver longe dos pais na era vitoriana? E quanto às crianças criadas em instituições? Quem foram as suas mães? Há de se culpar uma mãe.

Mulher, a culpa será sempre sua. Sua frígida, invejosa do pênis, histérica, Lilith banida por querer ser igual a Adão, Eva castigada por ser perversa! Sua bruxa, intelectualmente inferior, de cheiros fortes e desagradáveis, suja, que menstrua, louca, dissimulada, bipolar! Sua mãe, filha de uma mãe, a culpa é sua! A culpa é sua!

O PODER DA VERRUGA

Quando foi encontrado, Rafita se apavorou ao ver tantas criaturas estranhas que gritavam, faziam sons indecifráveis e pareciam deveras entusiasmadas ao mirá-lo. Tantos anos ali, alimentado por espécies diferentes e vivendo em condições inóspitas, não lhe tiraram a qualidade de admiração pelo novo. Aqueles seres engraçados o conduziram educadamente para um lugar estranho e que se movia, ele nunca tinha pousado seus olhos em um veículo e naturalmente se assustou com a aparência daquilo que o conduziria para uma nova vida, mas com delicadeza aqueles seres conseguiram acalmá-lo e lá se foi ele para o desconhecido.

A dificuldade foi enorme, mas Rafita estava aprendendo rapidamente, aliás, Rafita passou a ser Rafita nesse mundo novo, ninguém nunca havia lhe chamado assim. Antes, vivia em meio à vegetação, comia alguns animais menores ou plantas, dormia quando tinha sono, corria quando tinha tédio, rolava com seus amigos iguais, mas percebeu que na verdade era mais igual àqueles que o trouxeram de seu lar. A linguagem que lhe apresentaram foi adquirida com muito esforço, mas não com menor entusiasmo! Que maravilha poder expressar exatamente o que queria e o que sentia apenas com os sons que fazia movimentando os músculos faciais e bucais! Antes, eram só gritos e caretas, que eram suficientes para o meio em que vivia, mas, ali, tudo era muito mais complexo. Logicamente, Rafita não pensou com essas palavras e profundidade, visto que seu vocabulário ainda era reduzido às necessidades diárias, mas percebeu tudo com a sua alma e se encantou pelas possibilidades, mesmo com uma capacidade de reflexão ainda em desenvolvimento.

Pensaram que Rafita precisava viver em uma comunidade chamada família, para que pudesse adquirir ali os hábitos necessários para a sua reabilitação social. Rafita pôde sair daquele lugar grande e frio, onde as pessoas pareciam de plástico e o cheiro era esquisito, e ir para um lugar onde as pessoas sorriam, interagiam mais, eram mais simpáticas ao lhe

perguntarem algo e lhe davam um pouco mais de privacidade. Inicialmente tudo lhe parecia animador, as conversas, as brincadeiras, os hábitos, mas sua reflexão estava bem mais desenvolvida do que antes e Rafita começou a se questionar sobre algumas regras sociais. Com os dados que possuía, notou que os seres de sua espécie que tinham uma verruga pingando no braço possuíam direitos inferiores aos que não tinham, e ele tinha essa verruga! Que sorte a dele de nascer com essa verruga.

Ele já tinha percebido que as pessoas Com e Sem-verruga viviam juntas, o que era muito estranho, pois algumas vezes pareciam se odiar e, em outras, pareciam que se amavam mais do que tudo nesse mundo. Notou também que as pessoas se aglomeravam de acordo com a portabilidade dessa verruga, porque ela parecia dar a cada grupo algumas características específicas e, assim, eles se dividiam. A relação entre iguais era mais estável, sem muitos arroubos sentimentais, havia uma melhor comunicação, menor cobrança e maior prestatividade do que na relação entre os Com e Sem-verruga.

Uma vez, Rafita quis sair à noite com um dos membros da família que era um Sem-verruga e não permitiram que ele fosse. Indignado e sem entender os motivos, protestou, mas a família tentou explicar-lhe a situação:

— Rafita, você é um Com-verruga, não pode sair à noite assim, as pessoas vão falar mal, ainda mais se sair acompanhado apenas de um Sem-verruga! Entenda, não pode!

Como entender aquela regra baseada em uma verruga!? Mas essa não era a única regra, que bálsamo seria se fosse assim. Aos poucos, Rafita foi percebendo que seus direitos e deveres eram desproporcionais se comparados aos dos Sem-verrugos! Primeiro, tudo lhe ficava mal: bebedeiras, namoricos, palavrões, interesse por sexo, alguns trabalhos, algumas atitudes eram desaprovadas para os Com-verruga. Por ser possuidor da dita-cuja, a sua inclinação deveria ser para os trabalhos domésticos e manutenção dos seres em crescimento, que necessitam de atenção integral. Deveria cuidar da alimentação da família, dos cuidados com a saúde, higiene, limpeza, fazer as compras, e ainda cuidar para que a fa-

mília se sentisse bem dentro do lar e tivesse tudo o que necessitasse. Aos Sem-verrugas sobraram o trabalho fora de casa, a obrigação de trazer condições de consumo e só. Quando regressavam do trabalho, tinham o sagrado direito de deitar e descansar e esperavam que os Com-verruga lhes servissem em todos os caprichos e direitos que adquiriram com a evolução de sua espécie. O estranho é que os Com-verruga se acostumaram e aceitaram todas aquelas regras, e muitos ainda se sentiam felizes por servir sempre! Mas a maioria sentia uma profunda agrura na alma! Pois aos Com-verruga, por muito tempo, foram renegadas as artes, os conhecimentos, o esclarecimento! Rafita só não conseguia entender por que os Com-verruga não se rebelavam?! Masoquismo? Natural docilidade? Mas ele não tinha essa natural docilidade, então, o que era?

Com o passar do tempo, Rafita foi se sentindo cada vez mais infeliz; viu algumas mudanças que pareciam inicialmente favorecer a sua espécie, mas era um ledro engano! Os Com-verruga se levantaram e lutaram pelo direito de também terem poder de consumo e muitos foram trabalhar fora de casa, mas as toupeiras não quiseram largar as tarefas que lhes eram atribuídas e, ao invés de ganharem mais direitos, se viram com maiores obrigações. Alguns Sem-verruga já conseguem acompanhar a evolução e enxergar os Com-verruga como iguais, mas a adaptação e a perda dos direitos que tinham ainda os incomodam, é muito difícil cuidar da própria vida.

Vendo-se nesse mundo onde suas obrigações e restrições são proporcionalmente enormes e sufocantes, Rafita, depois de anos tentando se adaptar, tomou a decisão de voltar para o ambiente onde fora esquecido no passado até que os seus iguais o reencontraram. Lá ele não era igual nem diferente, ele era ele, sem nome, sem obrigações, sem limitações baseadas em sabe-se lá o quê. Lá ele podia se deitar na relva sem que lhe chamassem de preguiçoso ou mendigo, podia dormir quando quisesse, correr quando as pernas lhe permitissem, dada a passagem dos anos, e deitar-se ao sabor das lembranças, sem que ninguém o impedisse por causa de sua verruga, que, aliás, nunca teve vontade de tirar.

CERTAS ESCOLHAS

Tantos anos só, naquela casa, e agora as filhas decidiram que ela era velha demais para morar sozinha. Sentada na cadeira de balanço, onde por tantas vezes embalou os sonhos daquelas mesmas criaturas que agora depenavam a sua casa, Dona Sônia continha a lágrima e o rancor. A filha mais velha separava o lixo do reutilizável, a mais nova decidia com quem ficariam as louças finas e os móveis, as netas corriam pela casa desordenada.

A empregada, amiga de uma vida inteira, tentava amenizar a bagunça, mas não havia como organizar aquilo. Luzia olhou para a senhorinha com quem discutira tantas vezes, com quem rira, chorara e compartilhara problemas íntimos como amigas e sentiu uma amargura em seu peito. Dona Sônia sempre fora elegante e de atitudes nobres, nunca abriu mão da etiqueta, da mesa posta, mesmo que sempre estivesse sem convidados para o almoço ou o jantar. Nunca perdia a dignidade, nem mesmo quando Luzia precisava limpar a urina que, por incapacidade de seu organismo, deixava escapar pelo caminho entre o quarto e o banheiro. Aquela mulher tão nobre e bondosa agora estava ali, entre os esqueletos de seu passado, incapacitada para uma vida com dignidade de escolhas.

Balançava-se na cadeira e sua mente voava para bem longe dali... Gostaria de ter feito escolhas diferentes, de ter tido coragem de ser egoísta nos momentos em que precisou ser, mas o mundo a condenaria se não priorizasse as vontades de suas filhas. As filhas eram o seu tesouro e o seu dever. Perdeu o marido aos 25 anos, ainda tão fresca e bela que fazia suspirar os mais diversos cavalheiros que cruzavam seu caminho, mas uma mãe de família não poderia se deixar levar por prazeres mundanos, as pessoas e as filhas nunca a perdoariam.

Dona Sônia tinha um segredo. Uma vez, aos 35 anos, encontrou um rapaz tão especial que a fez pensar, mesmo que sem admitir, em desistir de sua eterna castidade e abrir a casca que a separava da vida. Ela era

professora, e ele, aluno, o mais inteligente e sensível da turma. O menino inventou que precisava de aulas extras de gramática e ela assinou o contrato para as aulas nas tardes de quarta-feira. Foi sem admitir que ela se viu ansiosa pela primeira tarde, se penteando e se perfumando, se olhando no espelho como nunca fizera antes, mas nunca aceitaria que algo além da nobreza do conhecimento compartilhado estivesse pulsando em seu coração.

As tardes foram passando e cada vez mais aluno e professora se reconheciam, se espelhavam. O sorriso maroto do menino de 17 anos, entre aquelas bochechas ainda infantis, e aqueles olhos pretos e espertos, que pareciam faiscar com cada pensamento, como se pudessemos ler por eles sua grande atividade mental, lhe faziam esquecer-se de quem era, de sua idade, de sua condição maternal; naquele momento ela sentia apenas que ali estavam duas almas em uma mesma sintonia, que se completavam e se entendiam totalmente.

Muitas gargalhadas foram compartilhadas, muitos conhecimentos, muitas teorias sobre a criação do universo, a diversidade cultural, a extinção dos dinossauros, culinária e tantos outros assuntos foram tratados naquelas tardes. A cada semana a ansiedade era maior até a chegada da quarta-feira.

Mas... A realidade bateu à porta da senhora Sônia Calázio. E a realidade nos faz ficar em choque, porque ela é, como nos ditados populares, nua e crua, fria, gelada, desconfortável e cortante.

Numa quarta-feira fria, de cerração baixa e chuvisco incessante, o menino decidiu abrir o seu coração para a professora, pois sentia que ela não era indiferente a ele. Esperava que ela também confessasse todo o seu sentimento, que assumisse estar completamente apaixonada por ele, ansiava que ela dissesse: — Vem, meu amor! Vamos viver juntos até o fim de nossas vidas! Ele acreditava nesse fim, ele sentia, ele sabia, mas nem sempre a verdade se realiza. Aquela quarta-feira foi a última aula e a última vez que se viram. Dona Sônia não teve coragem de encarar a sua verdade, era muito brilhante e a ofuscava. Nunca teria forças para lutar contra o mundo, nunca teria coragem de assumir que amava, prin-

principalmente, que amava um menino. Nunca poderia dizer a verdade. E foi assim que perdeu o seu grande amor e voltou à sua vida seca.

No balançar da cadeira via o seu passado, as escolhas feitas em nome de suas filhas, em nome de uma sociedade que sequer sabia de sua existência e agonia, sem o direito de pelo menos escolher com quem seus pertences deveriam ficar. Nos anos anteriores, se acostumara com a solidão e com o bálsamo das lembranças das quartas-feiras. Nunca escolheu o que quis, e agora era hora de morrer em paz, com o seu dever cumprido.

UMA MOSCA NA AULA DE LINGUÍSTICA

A mosca verde estava enfadada de empes-tear os cachorrinhos da Faculdade de Letras e resolveu dar um rolê pelas salas, para descobrir o que os jovens ripongas faziam dentro daquelas caixas calorentas e apertadas. Pousou no meio de uma aula de Linguística, no beiral da janela, para apreciar a discussão quase filosófica. A professora, magra, de óculos e pele clara, tentava enfiar os conceitos saussurianos sobre signo linguístico nas jovens cabecinhas pensantes:

— Então, gente, vocês entenderam o que é o signo linguístico? Ele é composto de significante e significado, um é a imagem acústica da palavra, é o som que está guardado em nossa cabeça, o outro é o significado, é o conceito que aquela imagem acústica invoca. Vocês estão entendendo?

Silêncio. Uns olhavam o celular, outros fingiam que estavam em uma reflexão profunda, olhando para o nada absoluto, outros balançavam a cabeça como se tudo estivesse esclarecido, e a mosca dava um nó em seu pequenino cérebro. Uma aluna branca, de cabelo rastafári e vestido floral perguntou:

— Professora, eu não entendi essa questão que Saussure fala, que o signo é arbitrário, mas Benveniste fala que a relação do signo e a realidade é que é arbitrária, o que quer dizer isso exatamente?

— Bem (respondeu a *teacher*), isso significa que não há nenhuma motivação para que uma mesa se chame mesa, por exemplo; não há nada nessa mesa que faça com que ela seja chamada de mesa, tanto é que há vários nomes para a mesa em várias línguas. O signo linguístico é arbitrário, não é motivado.

A mosca pensou que estava em uma classe de alemão, por que não conseguia apreender nada do que aqueles pensadores estavam dizendo, nem mesmo depois de longas horas de vida naquele lugar de alegria e conhecimento. Um jovem apreciador das teorias filosóficas, socialistas

e escambalísticas, de cabelo médio, despenteado, bermuda e chinelos falou com a sua voz rouca, quase inaudível:

— Temos que considerar que essa questão do signo linguístico e de sua arbitrariedade, guardando as suas devidas proporções, principalmente essa questão do significado, não é uma questão que é discutida apenas nos ramos da Linguística, como o da Semântica, mas também em muitos campos como o da Psicanálise, da Filosofia, porque o próprio significado de “significado” é de difícil definição em qualquer campo que se for tratar.

— Aaaaaaaaahhhhh (gritou a mosca mortificada), fala com a boca, desgraça! Ou melhor, não fala não, continua calado.

Um aluno exemplar, de óculos arredondados, cabelo intacto e camisa xadrez disse:

— Ah é, professora, o Melequinha pediu pra avisar que as aulas de monitoria, de amanhã, passaram para sexta-feira.

— Nossa, não chama o Ricardo de Melequinha, coitado...

O aluno respondeu:

— Mas nesse caso o signo é motivado, professora.

A turma caiu na gargalhada e a mosca verde não entendeu bulhufas. Achou melhor viver inculta e botando nas pelancas dos cachorros osudos que viviam da caridade dos estudantes e apenas seguir em frente, proliferando na confortável ignorância.

AS TRÊS SENHORAS

Três senhoras estavam conversando, contando os casos de suas vidas, e lembrando dos seus falecidos maridos. Dona Alva, uma senhora ativa, com o seus cabelos pintados de louro claro e seus óculos presos por uma cordinha disse:

— Eu era completamente apaixonada pelo Joaquim... No começo ele dizia palavras bonitas, lindas declarações, trazia presentes, mas, com o tempo, ele se acostumou e ficou meio quieto. A gente não conversava muito, mas eu acho que ele me amava. Vocês não acham que viver a vida inteira ao lado de alguém é amor?

Dona Marica coçou os cabelos encardidos e presos num coque malfeito e disse:

— Eu acho que amar é só no começo mesmo. No começo, as pernas ficam bambas, a gente sente aquele calor, quer ficar perto o tempo todo. Depois, as coisas esfriam e vem mais o costume mesmo, a companhia.

— Ah, eu não acho, falou Dona Luzia. Eu acho que, quando a gente ama, a gente quer ficar junto sempre. Meu José não me deixava ir nem na porta de casa sozinha, queria controlar tudo, saber de tudo. Ele era doido por mim, nossa! Mas também, não me dava sossego.

A neta da dona Marica ouvia a tudo e resolveu meter a colher no assunto:

— Eu não acho que nada disso seja amor. Esse fogo todo, sem explicação e sem motivo, é paixão, não é amor. Essa coisa de querer ficar grudado, é posse, ciúme, desconfiança, não é amor. Querer agradar com palavras vazias e presentes, é não ter mais nada a oferecer.

Dona Alva se virou com o seu ar de autoridade máxima e perguntou:

— Ah, diga, então, madame, o que é o amor?

Marisa se sentou mais próximo às senhoras e disse:

— Primeiro, perguntem a si mesmas: Se eu ganhasse na loteria e não precisasse de mais nada, eu ficaria com este homem? Se ele ficasse total-

mente pobre e miserável, continuaria com ele? Se ele ficasse gravemente doente, nunca mais pudesse fazer sexo ou nem mesmo me reconhecesse, eu continuaria amando e cuidando dele? Se eu tivesse muita raiva dele, mesmo assim, não diria as coisas que mais o machucam e, mesmo assim, não me sentiria mal em confortá-lo, se precisasse? Eu realmente gostaria de viver com ele em qualquer condição, e sempre me sinto bem, respeitada e amada por ele? Se a resposta for sim, então, isso é amor.

As senhorinhas se entreolharam, pensaram por alguns segundos e aplaudiram a jovem menina.

VIAGEM DE ÔNIBUS EM OURO PRETO

É cada coisa que acontece em Ouro Preto, que parece até invenção de mentes alucinadas! São eventos engraçados, episódios fora de propósito, casos assombrosos, macabros, situações que permeiam o inverossímil.

A personagem mais comum encontrada na cidade é a figura do “louco”, vestido com diferentes figurinos, com suas peculiaridades, sejam artísticas, sejam desvairadas. Há a dona de fala rouca e embolada, que faz que chora quando os moleques lhe encham a paciência, carregando sempre a sua flauta doce e um sorriso faltoso na boca. Todos adoram imitá-la, e é divertido ver como cada pessoa imita a sua fala de forma mais engraçada que a outra. Há o careca que sai na banda, a doninha que rouba revistas e fica escrevendo “não-sei-quê” nelas no meio da rua, o cara que cata tocos de cigarro no chão e dá tapa nas pessoas, e muitos outros que já se foram e que ainda estão por aqui, mas o que me divertiu outro dia foi um tal de “Bichão”.

Eu estava dentro do ônibus, pensativa pelo longo caminho que o ônibus faz para chegar até o ponto mais próximo da minha casa, quando o tal do Bichão entrou. Se ele tivesse entrado só, não causaria nenhum espanto, mas...

Todos podem imaginar o motivo para que ele tenha esse apelido! Eu me lembro também de uns tempos em que ele tinha cismado em andar com a cabeça virada para cima, olhando para um ponto no céu, meio torta para o lado, pensei que ele nunca mais fosse endireitar aquelas fuças, mas eis que, um dia, depois de muito tempo torto, o vejo com a cabeça direitinha no lugar! Vai entender as “cabeças tortas”! Muitas vezes, também observei que ele usava esmalte vermelho em suas unhas, pois, apesar do apelido, se preocupava com a aparência.

Voltando ao ônibus, o Bichão entrou acompanhado de dois amigos: dois vira-latas enormes e pretos. Eles entraram pela porta da frente. As

peessoas dentro do ônibus se entreolharam assustadas, o trocador perguntou ao motorista se ele deixaria que aquilo acontecesse. O motorista disse:

— Eles são os amigos dele!

Eu não aguentei aquilo. O mais engraçado foi ver as expressões de susto e de curiosidade das pessoas que iam entrando no ônibus, sem entender o que estava acontecendo. Os cães foram viajando como surfistas, se equilibrando perto de seu dono. O Bichão tinha se sentado no primeiro banco, ao lado de uma senhora, que se encolhia para não ter muito contato com o dono dos animais. Um cachorro se assustou e se enfiou debaixo do banco ficando com o focinho encostado nas pernas da senhora, foi hilário. Eu tive que dar algumas risadas.

Infelizmente, não pude ver como terminou a viagem dos companheiros, meu ponto era antes do deles. Mas esse pequeno episódio me deu um pouco de alegria, trouxe um pouco de riso para o meu dia tão estressante.

O MENINO E O SMARTPHONE

“O menino agora não larga mais aquela porcaria!”, bradava a avó, indignada com o “enzubimento” do neto, desde que o novo “smartphone Plus” havia chegado àquela casa. O tio do menino trouxe o aparelho no aniversário de Thiago e, desde então, havia umas duas semanas, o capetinha se esquecera completamente de como era uma vida de menino endiabrado. Quem mais se incomodava com o que o menino estava se tornando era a avó, acostumada às traquinagens maquinadas por um cérebro livre e um corpo cheio de energia. A mãe do menino já não se incomodava tanto, achava ótimo chegar cansada do trabalho e não ter que ficar bradando até altas horas da noite, quando o menino finalmente se aquietava e ia dormir.

— Olha, mãe, o joguinho que eu baixei!

— É.

Voltava os olhos para a televisão.

Um dia, com a expressão endiabrada e sonsa, Thiaguinho disse:

— Ô, vó, fica vendo esse vídeo aqui no YouTube! Olha, vó, é legal!

— Minhas vista tá cansada, menino!

— Olha, vó, que legal, é do seu tempo!

Vencida pelo cansaço, se distraiu vendo o vídeo de uma música da qual nunca tivera ciência. Estava concentrada, olhando um rapaz dançar “arrocha” e pensando como este mundo estava perdido, quando de repente a cara da menina do “*Exorcista*” apareceu e um grito de horror penetrou a alma da velha senhora que quase teve um ataque cardíaco. O menino riu-se como nunca, enquanto a avó tentava se recuperar. A mãe disfarçava o riso, porque já tinha sido pega pelo videozinho maléfico, feito para assustar amigos.

— Excomungado, filho duma boa mãe! Assusta a sua avó, quando você ficar sem ela, você chora na cama que é lugar quente!

Quanto mais a avó se irritava, mais ele se borrava de rir.

“Olha o aplicativo que baixei! Nossa, olha o hotel que eu fiz no “*Minecraft*”! Olha isso, olha aquilo!” O menino não mais existia fora da virtualidade, todas as energias dele estavam concentradas no mundo de sua mente, que se misturava com as dos outros, vivendo quase que por telepatia ou como em “*Matrix*”.

O “smartphone” fez a casa ficar sem vida. A avó entristeceu, a mãe emudeceu, até o cachorrinho ficou entediado. O menino tinha ido embora para um lugar tão, tão distante... Tem volta? Ninguém sabe ainda.

UM DIA DE FÚRIA DE UMA MULHER

Não era um dia especial, era apenas uma terça-feira como outra qualquer e ela tinha que acordar às 5h30 para chegar até a faculdade, mas, antes de chegar até a faculdade, era preciso ainda acordar as crianças, fazer o café, arrumar o quarto e o material do qual precisaria. O celular despertou pela terceira vez, mas seus olhos insistiam em permanecer fechados, o seu corpo não a obedecia, ela queria apenas dormir, dormir para sempre. Precisava se levantar. Procurou a roupa menos amassada, esquentou o leite, porque seria mais rápido, gritou com as crianças algumas vezes, não comeu e saiu correndo para pegar o ônibus. Estava atrasada. Olhou para o celular enquanto andava apressadamente, quando levantou os olhos, o ônibus estava quase chegando ao ponto, e ela ainda estava distante. Correu como uma doida desvairada, toda desengonçada, e percebeu que as pessoas a olhavam, por que não iam todos para o inferno? Pensou. Correu tanto que conseguiu chegar até o ponto, o ônibus ainda estava parado; bateu na porta, que já estava fechada, mas o ônibus saiu em disparada, deixando-a com cara de pamonha azeda no meio da rua. Que ódio! Pensou e resmungou. Percebeu que a sua roupa estava estranha, olhou para baixo e viu sua blusa desabotoada, entendeu por que as pessoas a olhavam enquanto corria. Precisou esperar mais meia hora, a essa altura, pensava se valeria a pena chegar tão atrasada à aula, ainda mais porque a sua vontade de assistir ao professor falando era inexistente. Mesmo assim, decidiu ir, melhor ganhar uma falta do que duas.

Foi a última a chegar à sala de aula, entrou esbaforida e, para ser mais discreta ainda, chutou a lixeira que escorava a porta, fazendo-a parar quase aos pés do professor. Hoje eu me mato, pensou com os seus botões. Sorriu amareladamente e tentou se sentar fazendo o mínimo de barulho possível, o que já não importava mais depois do espetáculo inicial. O professor resolveu contar as faltas dos alunos e ela não poderia faltar nem mais um dia ou perderia o ano. Nem ela mesma se lembrava

de que tinha faltado tanto, mas estava escrito. Para piorar, ela teria que fazer um trabalho sobre um texto o qual ela nem sabia que existia, porque havia faltado à última aula, era para o dia seguinte. Tentou se segurar e não pensar no problema até que fosse a hora certa.

A aula acabou e mais uma vez ela teria que sair voando se quisesse almoçar antes de chegar até o trabalho, cinco minutos fariam a diferença entre almoço ou pão de queijo. Quando ela ia saindo da sala, uma amiga veio ao seu encontro, era um motivo para revirar os olhos. Essa amiga também estava passando por um momento depressivo e sempre a procurava para desabafar, só que não era um bom momento, não mesmo. Ela a acompanhou, falando sobre filosofia, sobre religião, tudo junto e misturado, falando de sua solidão e de sua tristeza. Nada era mais incômodo do que aquele tipo de assunto naquela hora, ela já tinha a sua própria solidão e depressão, das quais mal conseguia tomar conta, sem falar que ficaria com o pão de queijo o dia todo, essa era a sua vida.

Quando conseguiu se desvencilhar da amiga, depois de lhe oferecer algumas palavras de conforto, correu para pegar o ônibus, que estava lotado. Mais uma viagem de 40 minutos em pé, num calor infernal. Durante o trajeto, pensava sobre a vida e sobre tudo o que estava passando e que passara até ali, percebera que tudo era uma grande besteira, a rotina, os estudos, o trabalho, nada fazia sentido. Ela era uma vaca servindo aos outros, engordando com o capim e dormindo, quando conseguia. Não sentia prazer em nada, pensava que gastar noites em bares e boates era um desperdício de vida, não tinha paciência para conversa filosófica de bêbados, muito menos para suportar cantadas baratas de adolescentes ou barbados descarados. As pessoas são inúteis, pensou, eu sou inútil. Tudo é inútil.

Seu pensamento foi interrompido pelo ponto de descida, caminhou em direção à lanchonete e pegou o seu pão de queijo, que foi comendo pelo caminho. Que vida medíocre, foi ruminando com o pão de queijo. No caminho, observava os adolescentes enérgicos, pulando, gritando estridentemente, como se o mundo fosse maravilhoso. Via também pes-

soas simples e convictas de suas obrigações, até mesmo satisfeitas com elas, mesmo que fossem apenas limpar o chão. Idiotas, pensou.

Entrou no local de trabalho e viu aquelas mesmas caras falsas e irônicas, sorrindo e cochichando. Sentiam-se pessoas reais, não de realidade, mas de realeza, apenas por terem cargozinhos provisórios dentro da empresa. Malditos! — pensou. Sentou-se em sua cadeira, onde redigia e corrigia textos o dia todo. Oito horas sentada, com pequenos intervalos evitados, já que socializar com cobras não fazia parte de suas preferências. Abriu seus textos, seus *e-mails*, suas redes sociais, ficou rolando as páginas, uma, outra e outra. Tentava se concentrar no trabalho, mas a sensação de inutilidade a invadia, não via o porquê de nada do que fazia, se sentia cada vez mais sufocada dentro daquela sala, sentada, imóvel, onde mexia apenas os olhos e as mãos. Foi subindo um calor pelo seu corpo, uma energia acumulada, uma raiva inexplicável, sentia vontade de quebrar tudo o que estava a sua volta, começando por aquele *mouse* dos infernos. Começou a pensar em sua rotina, em sua solidão, em sua vida de gado, não viu sentido para estar ali ou em qualquer outro lugar. Enquanto pensava, ouviu a voz do seu chefe se aproximando e não existia voz mais irritante para ela do que a de seu chefe, rouca, aguda, sempre em alto volume e puxando o saco de algum superior. Vontade de enfiar um murro na cara desse retardado, pensou.

Aquela voz não parava de soar e ela não parava de pensar em todos os que passaram por sua vida, todos a desrespeitaram, de todas as formas possíveis. Nada que ela fizesse faria com que os outros a vissem como ela realmente era e lhe atribuíssem o justo valor, mas ela estava ali, sentada, cumprindo com o seu papel, como uma galinha botando os ovos para depois ser degolada e comida por aqueles que a alimentaram. Ela era uma galinha. De repente ela sentiu ódio, ódio por tudo e de todos, aqueles imbecis sem sentido, aquelas ovelhas, aqueles lobos. Se ela tivesse uma arma, atiraria em todos, um por um, até apagar os sorrisos falsos da cara de cada um. Sentiu o rosto em chamas, sua inércia naquela cadeira deslocou a sua energia para os punhos, que se cerravam cada vez mais forte. Enquanto estava ali, a ponto de explodir, seu chefe se aproximou

e perguntou com um sorriso irônico se ela já havia terminado a tarefa, pois estavam com pressa e alguns acordos dependiam daquele texto. Aquela voz estridente e aqueles olhos azuis sonsos eram a coisa mais insuportável do universo. Por que ele tinha que ir falar com ela agora? Ele a olhava fixamente, empinando a barriga em sua direção, ela o olhava como se estivesse olhando para uma parede branca. Impaciente, ele disse:

— Então, minha filha, nós não temos o dia todo, não! Acorda!

Essa frase pareceu ligar algum botão em sua cabeça. Os seus olhos se arregalaram, ela se levantou lentamente e disse, com voz calma:

— Você quer o contrato? Quer?

Ele a olhou, talvez com um certo receio de responder, e balançou a cabeça, sinalizando que sim. Ela pegou a pilha de papéis que estava em sua mesa e a atirou, todos, na cara do chefe:

— Toma essas porcarias desses contratos! Engula esses contratos, enfie esses contratos no olho do seu cu, seu filho de uma égua!

O chefe ficou parado sem saber como reagir, as pessoas do escritório se levantaram e ficaram olhando embasbacadas. A mulher tinha ficado maluca, era o que todos estavam pensando. Mas ela não se sentia maluca, se sentia estranhamente livre, sentia paz. Sempre teve vontade de fazer aquilo e, pela primeira vez, estava concretizando um sonho:

— O que vocês estão olhando, bando de mal-amados? Ficam aí, o dia todo, falando mal dos outros, fingindo que têm vidas maravilhosas, mas cada um é mais infeliz do que o outro. Vão cuidar de suas vidas, seus frouxos, cambada de capachos! Vão todos à merda! Eu me demito, aleluia, nunca mais verei essas caras de otários!

Saiu pela porta enquanto todos a observavam calados. Que liberdade! Sorria para si mesma, que sensação maravilhosa! Saiu pela rua, assim, feliz, quando um rapaz a mediu de cima a baixo e disse:

— Nossa, que princesa, hein! Gostosa demais!

De novo algo se acendeu dentro dela. Ela se voltou para o rapaz, que não esperava uma reação dela e, paralisado, a ouviu dizer:

— Sou gostosa, é? Você acha que sou gostosa? Então olha direitinho pra ver se eu sou gostosa!

Dizendo isso, foi desabotoando a blusa insanamente, jogando a peça sobre o rapaz, que ficou envergonhado no meio da rua movimentada.

— Olha direitinho, não é só isso que interessa pra vocês, homens? Seus ordinários, cambada de vagabundos! Olha bem pra mim, é isso o que você quer!

Falando isso, foi tirando todas as peças de roupa, as calças, a calcinha, tudo! Ficou completamente nua no meio da rua. Todos pararam para entender o que estava acontecendo, para observar a louca no meio da rua. Ela gritava, nua, “pega aqui, não é isso que você quer?”. Mas o rapaz foi embora, envergonhado. Ela estava livre, livre de todas as amarras, de todas as convenções. Ela não queria mais nada, não desejava nada. Ela queria apenas se livrar de todo o ranço que a humanidade lhe deixara, impregnando o seu coração e a sua alma de amargura e tristeza.

A TEIA DE ARANHA

Eram amigas desde a infância, a grandona e a baixinha, como as chamavam. Mas a baixinha não se sentia tão amiga assim: sempre subjugada, analisada, recriminada, porque era fresca e tinha inclinações artísticas. A altona era, por sua vez, imperiosa e objetiva, as coisas eram sempre pretas ou brancas, não havia bolinha no *yin* ou no *yang*. Parecia que a estatura era a materialidade de sua personalidade autoritária e assertiva.

A alta era a Renata, a baixinha era a Clara. Durante a adolescência, vivenciaram muitas aventuras, mas nem tão venturosas, pois Renata não era dessas, de pagar mico. Quando bebia além da conta, queria obrigar a amiga Clara a ceder a qualquer um que julgasse digno. Uma vez, quase forçou a amiga a ficar com um caboclo, 20 anos mais velho, cuja aparência causava em Clara repugnância, além de estar bêbado como Renata. Acusaram-na de infantil e disseram que ela nunca seria adulta, se não fizesse aquilo o que queriam, que era ficar aos beijos, abraços e esfregação com um homem que deveria se envergonhar daquela situação. Não era adulta, mas não iria fazer o que não queria. Essa era a Clara.

Apesar de se sentir intimidada na presença de Renata, Clara sabia que podia confiar seus segredos a ela, sabia que poderia contar com ela nos momentos mais difíceis, como quando ela se engraçou com um colega de trabalho que tinha namorada. Na verdade, Renata é que fora a demônia na ocasião, tentou tanto os dois, que em uma confraternização de trabalho, os dois, Clara e o comprometido, caíram em tentação, puxados para o canto pelas próprias mãos da amiga. Nessa época, as amigas trabalhavam juntas em um supermercado, lugar onde passaram grandes momentos, inclusive alguns onde colegas brigaram com Clara por não gostarem das caricaturas que ela havia feito deles. A briga com os colegas não foi pior que a reação do chefe quando viu aquele elefantinho com

sua cara e seus tenisinhos de esporte no canto de uma nota fiscal velha. Rua foi pouco.

Clara adorava cantar “*Renata ingrata*” e fazer passos bregas para irritar a amiga, Renata a chamava de Clara de ovo. Apesar de tudo, as duas tiveram pouquíssimas brigas durante a vida. Mas a vida não tem nada definido ou definitivo; percebemos isso quando já estamos tão longe, que olhar para trás nos faz ver apenas uma sombra de nós mesmos e os momentos vividos, os que ainda permaneceram nas desbotadas memórias, parecem parte de uma anedota do passado contada por um tio fanfarrão. Foi assim que, aos quarenta e poucos anos, Clara pensou em Renata quando ela voltou à sua vida. Em tempos modernos de comunicação virtual, bastaram alguns caracteres e muita determinação para que Renata a encontrasse em alguma dessas redes sociais. Foi estranho, já se passara quase 20 anos, desde que Clara viajou para um intercâmbio a fim de estudar Artes. Renata havia ficado, na mesma cidade, com as mesmas pessoas, as mesmas ideias sobre a vida e o mundo. Clara estava morando em uma cidade vizinha. Não tinha filhos, tinha um marido, também artista; os dois viviam em seu ateliê, fazendo suas artes. Eles tinham também o Gertrudes, um magnífico cachorrão vira-latas cor de mel. Renata tinha três filhos e um emprego em uma secretaria da cidade. O marido era técnico em uma dessas indústrias gigantes. Ambas diziam-se felizes com sua vida.

Após lembranças do passado, das quais Renata era a fonte geradora e Clara admiradora e incrédula de sua própria participação nelas, resolveram encontrar-se. Renata teria folga, iria à cidade da amiga.

Clara comprou uns biscoitinhos caseiros, licor de cacau, chá de ervas, fez leite queimado, bolo aromático e alguns salgadinhos. Renata chegou às 13h30, como combinado, foi direto ao endereço. Os maridos começaram a conversar e foram para fora de casa, ver o movimento, enquanto Clara arranjava os quitutes. Renata sentou-se na cadeira de palhinha, olhou a decoração colorida e esvoaçante, viu algumas teias no canto, cheia de cadáveres de jantares passados e disse:

— Está que nem uma árvore de natal, dá para pendurar umas bolinhas ali.

Clara apenas sorriu. Viu o abismo entre os dois mundos, que antes não percebia. Viu a pobreza daquela alma e como ela havia deixado de evoluir. Aquela pessoa estacionou em sua adolescência, a única época que existia para ela. Parecia morta, um exoesqueleto de uma barata. Não eram amigas. Não, mas não deixaram o carinho do passado morrer. Aquela pessoa foi importante em sua vida, mas não fazia mais parte dela. Eram duas almas que em nada mais se conectavam, a não ser por momentos dos quais Clara possuía vagas lembranças.

COMUNICAÇÃO PROXÊMICA

Eles namoravam há três meses e já estavam mais unidos do que carne e unha. Não programavam nada sem contar com a participação um do outro, estavam sempre se contatando durante o dia pelo celular, utilizando todas as opções possíveis. Não viam a hora de juntar tudo de vez e acabar com a saudade infinita que queimava, mesmo quando estavam juntos, pois sabiam que se separariam depois de algumas horas. A ânsia pela proximidade era tanta, que sentiam dor física de vontade de se reunirem novamente nos momentos em que não podiam estar perto.

Elisa era dessas românticas que dariam a volta ao mundo pelo amor e fazem dele o centro de suas existências. Felipe era daqueles que ainda acreditavam no amor, amor pelo parceiro e pela humanidade, daqueles que possuíam fé. Elisa possuía fé apenas em si mesma e em seu amor.

Felipe trabalhava como professor de teatro. Quando criança, sonhava em ser um grande ator, brilhar nas grandes telas de cinema, mas a profissão não era só brilhinhos. Aos 34 anos, era hora de fincar o pé na realidade e trabalhar como podia, dando aulas para os futuros brilhantes. Elisa também gostava de Artes, tocava violino, mas seu trabalho consistia na enfadonha rotina como secretária em uma grande empresa. Aos 30 anos, achava que também estava na hora de parar de sonhar e brincar e começar uma vida familiar própria. Felipe era o seu príncipe encantado.

Era época da conclusão de curso da turma de Felipe e eles organizaram uma festinha. Obviamente, Elisa fora convidada para participar do momento com o seu amado, pois um sempre queria a presença do outro em momentos especiais. Elisa colocou a melhor roupa, a menos formal (afinal eram alunos de teatro), o seu batom mais vermelho, e foi com o seu amado ao evento. Chegando ao local, os dois foram caminhando entre os convidados, todos jovens, serelepes, coloridos e autênticos, quando uma mocinha veio esfuziante de braços abertos para saudar o

rapaz. Felipe abriu os braços, deu um forte abraço e beijou o rosto da bela moça, e assim o fez com muitas outras. Elisa ainda não conhecia o comportamento desprendido de seu amado, e sua expressão não conseguiu disfarçar o descontentamento com a situação presenciada. Tentou não emburrar, mas não teve muitas palavras naquela noite.

Elisa era uma pessoa reservada e sabia o que um simples sorriso dava a interpretar a homens afoitos por uma aproximação, tanto que deixou de sorrir ao cumprimentá-los. Nascera em um povoado onde as pessoas não tinham o hábito de se tocarem muito, especialmente se eram de sexos opostos. Na verdade, o povo era tão acabrunhado, que muitos pais não sabiam abraçar os filhos e assim viviam. Em sua mente, beijos e abraços seriam destinados apenas a pessoas muito íntimas, como familiares e amantes. Na mente de Felipe, beijos e abraços eram demonstrações normais de afeto a qualquer ser humano.

Elisa pensou muito sobre o acontecido e se perguntou se estaria certa em sentir profunda irritação pelos atos de seu grande amor, mas não encontrou respostas. Perguntou-se se a maneira que ele agiu seria normal, se ela não estaria sendo muito radical e possessiva e se torturou nesses questionamentos. Depois de algum tempo, deixou de lado esses sentimentos e voltou a grudar no amado, como sempre. Mas a paz não durou muito tempo.

Dessa vez, foram a uma festa dos amigos de Elisa. Havia amigos íntimos, colegas e conhecidos. Tudo correu bem e, ao final, uma de suas colegas de trabalho pediu que o casal lhe desse uma carona, pois morava no caminho. Ao parar em frente à casa da colega, Felipe desceu e abriu a porta para que ela saísse, a abraçou e deu-lhe um beijo no rosto. A colega sorriu desajeitadamente e olhou para o rosto de Elisa, coisas que acontecem em frações de segundos e que quase sempre apenas as mulheres percebem. Elisa seguiu calada, refletindo se finalmente revelaria a sua insatisfação para o seu amado. Nessa noite, Elisa dormiria na casa de Felipe, pois no dia seguinte começaria um curso próximo à casa dele. Chegando lá, Felipe perguntou:

— O que foi, Elisa? Por que você ficou calada toda a noite?

Elisa refletiu e resolveu dizer logo o que a incomodava, mesmo que estivesse errada:

— Felipe, o negócio é o seguinte, eu não acho legal você ficar beijando e abraçando todas as mulheres que você encontra pela frente, até mesmo pessoas desconhecidas.

— Quem é que eu estou beijando e abraçando? Está ficando louca?

— Ah, amor, você sabe! Toda mulher que você encontra tem que ficar dando beijinho, você acha isso normal?

— Não é assim, não!

— É assim, sim!

E assim detalhou todos os ocorridos. Felipe se justificou, disse que isso não era nada incomum, que agia normalmente como a maioria das pessoas e que Elisa estava vendo chifres em cabeça de cavalo, por causa de ciúmes. Ele não sentia que desrespeitava nenhuma das mulheres ou que estivesse flertando com elas ou desrespeitando Elisa. Nessa noite, cada um dormiu em seu canto, sem se encostar. A noite foi longa e o frio foi grande. Sentiram falta de ficarem grudados, como sempre, a ponto de mal poderem respirar, mas algo os separava. Que vá se grudar com aquelas vagabundinhas, pensava Elisa. A proximidade tem relação com muitas coisas.

O tempo passou e Elisa tentou relevar os sentimentos. Já estavam planejando alugar uma casa e comprar algumas coisas para morarem juntos. Amavam-se e se comunicavam muito bem intelectual e fisicamente, mas a maneira como os dois viam as relações e os limites de proximidade com outras pessoas diferiam, e isso causava atritos.

Um dia, saíram juntos para escolherem algumas coisas para casa e, ao andarem pela rua, passaram perto de uma moça que morava próximo à casa de Felipe. A moça estava sentada na calçada e conhecia Felipe apenas por serem vizinhos. Felipe passou, bateu com a mão em uma das pernas da mulher e disse:

— Oi, tudo bem?

A moça dirigiu aquele olhar de fração de segundos à Elisa e respondeu ao cumprimento. Elisa se conteve, mas algo viria mais adiante.

“Quem com ferro fere, com ferro será ferido”, pensou Elisa dentro de suas maquinações maquiavélicas. “Vejam os até quando tudo é normal”. Compraram o que deu e combinaram de se encontrarem mais tarde com alguns amigos de Felipe.

Elisa se vestiu para matar, usou o seu maior decote e o seu batom fatal, perfumou-se como há muito não fazia. Felipe sentiu-se enciumado, mas não quis demonstrar nada. Quando chegaram ao bar, os amigos já estavam lá. Elisa abriu os braços para o amigo do amado e em seguida tascou-lhe um beijo na bochecha, que ficou marcada de vermelho paixão. O amigo olhou para Felipe, não um olhar de fração de segundos, mas um olhar longo e desajeitado, sem lugar. Elisa continuou a agir normalmente, sentou-se enquanto todos os outros continuavam o bate-papo animado. Felipe recusou-se a comentar o fato, mas sua expressão era clara. Pediram uma cerveja, o papo ficou mais animado e, enquanto conversavam, Elisa tocava o amigo de vez em quando, no ombro, na perna, para chamar-lhe a atenção. Em um dado momento, Felipe sentiu-se mal e quis ir para a casa. Do nada. Disse que era um mal-estar súbito. Foram. Ficou calado o tempo todo. Dizia ser nada, não, só não estava bem. Elisa sabia o que era, experimentara o mesmo sentimento inúmeras vezes, mas, quando é com o outro, é sempre normal, a pimenta não tem ardido.

O LIXO NO CASAMENTO

As garrafas de cerveja, vinho, refrigerante e as caixas de leite se acumulavam no canto da cozinha, anunciando ou denunciando uma tarefa a ser feita, uma espera ou uma função futura. Cláudia não gostava de olhar para elas, até que se atreveu a perguntar ao marido o motivo de os tais objetos permanecerem ali, ao invés de irem para a lata de lixo há muito tempo.

— Temos que separar o lixo.

Cláudia fez uma cara de “que coisa mais sem lógica”, e disse:

— Pra que essa palhaçada? Aqui não tem coleta seletiva!

— Mas é o certo, isso é o que todo mundo deveria fazer sempre.

Cláudia não discordava dos princípios ambientais, da coleta seletiva, pensava que seria uma maravilha se pudesse funcionar em sua cidade, mas não existia a coleta seletiva.

— Isso não tem lógica nenhuma! Tudo vai para o mesmo lugar, isso é um trabalho inútil.

— Pode até ser, mas eu não vou abrir mão dos meus hábitos por causa disso, todo mundo deveria agir dessa forma.

Cláudia não discutiu mais e observou o marido guardar os objetos em recipientes separados para o descarte. Uma discussão tão simples como a maneira de lidar com o lixo a levou a refletir sobre a personalidade de ambos. O marido vivia de ideais e seguia-os, mesmo que eles não fizessem sentido imediatamente, mesmo que o trabalho de mantê-los fosse inútil em seu fim. Talvez fosse frutífero na educação dos filhos, uma vez que despertasse neles a curiosidade pela consciência ambiental, como aconteceu com a filha ao perguntar sobre o que era coleta seletiva. A esposa, apesar de concordar com os ideais, defendia a prática, a lógica de se realizar um trabalho com alguma finalidade. A finalidade para o marido era ideológica, para a esposa, prática.

O que ensinar para os filhos, manter hábitos cujos ideais sejam nobres, mesmo que esses hábitos não tenham uma lógica na prática cotidiana, ou ensiná-los a sempre questionar a finalidade dos atos dentro do funcionamento de um sistema? Ou, discordando da maneira como o sistema funciona, esses hábitos seriam uma forma de se rebelar contra ele, trabalhando em favor da conscientização de como o sistema supostamente deveria funcionar, possibilitando aos filhos criar maneiras futuras de se rebelarem e promoverem mudanças?

Cláudia não se conformava com hábitos sem lógica na prática. Outro dia, foi a vez de discutir com os amigos sobre a validade da taxa de desperdício. Os amigos tentavam justificar a medida de qualquer forma, fosse no plano da consciência social fosse na lógica dos gastos do comerciante ao ter que preparar mais uma vez uma comida que você jogou fora. Simplesmente, Cláudia não via sentido em ter que pagar novamente por uma coisa que a pessoa já havia pago. A lógica era totalmente capitalista, ou seja, você paga por um produto e, se não quiser usá-lo inteiramente, você tem que ser punido e pagar mais ainda por ele. Quem está ganhando além do comerciante? Não me venha com consciência social! Gritava. Consciência social seria inventar formas de doar os alimentos não consumidos (comprados) a quem não tem o que comer e, não, enriquecer comerciante!

Cláudia era prática, Celso, idealista. Eles se complementavam, mais do que se irritavam com a maneira de enxergar o mundo, porque, na verdade, ambos nutriam os mesmos ideais, apenas vivenciavam a realidade de maneiras diferentes. Afinal, por que brigar sobre a maneira como o lixo será descartado, quando o que importa é a maneira como querem construir o mundo juntos?

E você, como descarta o seu lixo?

A PASSAGEIRA

Saiu de casa desanimada, sem nenhum objetivo além de realizar as suas tarefas habituais e voltar para o seu aconchegante quarto, onde finalmente iria se sentir livre e confortável, se jogar em sua cama antiga e cheia de ácaros já conhecidos, com os quais formalizara um acordo de convivência pacífica.

Em nada pensava e nada desejava até que um suave perfume lhe chamou a atenção. Era um perfume muito meigo e sensual, era cítrico com o final adocicado, parecido com o aroma do capim ao final da tarde. Suas narinas instintivamente se dilataram para captar mais daquele aroma, assim como para decifrar o enigma de seu portador.

Não precisou esperar muito até que o ônibus voltasse a andar e o senhor perfumado se sentasse exatamente ao seu lado. Bethânia quis muito olhar para o lado, mas não era seu desejo que os seus pensamentos fossem descobertos. Aguardou alguns minutos até que, pelo canto do olho, pode perceber que o ser misterioso se distraía com algo no exterior da janela do lado oposto ao que estavam. Rapidamente ela olhou para o dono do perfume, preparada para desviar o olhar para além do horizonte, caso ele voltasse à posição normal. Percebeu que além do aroma ele tinha também um rosto peculiar, nada habitual em seu ambiente tão habitual. O nariz era anguloso, a boca pequena e ornamentada por um cavanhaque preto, tinha os olhos castanho-escuros e amendoados, como os de um ratinho astuto. O cabelo era também castanho-escuro e médio, as sobrancelhas grossas, formando um belo quarteto com os olhos.

Bethânia se perdia em pensamentos quando notou que o seu companheiro de poltrona se virava para ver quem estava, insistentemente, com o rosto voltado para ele. Quando os olhos de ratinho astuto chegaram aos seus olhos cor de mato seco, ela os baixou logo, esquivando-os para fora do ônibus, e não conseguiu conter um sorriso, nem o rapaz diferente. Bethânia sentia o rosto quente como se estivesse febril, não

conseguiu agir naturalmente, parecia que as suas mãos não lhe pertenciam, não tinham lugar naquele espaço.

O ônibus seguiu a sua trajetória com suas descidas, subidas e curvas sinuosas, e ia se aproximando do ponto de descida da moça, o que a entristecia, pois se veria longe do perfume que a distanciara do mundo e dos olhos que a fizeram corar. De soslaio fez suas últimas e derradeiras análises:

— Hum, que braços cabeludos! Os sapatos são meio antiquados, se os visse separados, acharia que eram de um velho. As calças estão um pouco surradas, e a camisa está cheia de bolinhas... Será que ele mora sozinho? Deve jogar a roupa na máquina e colocar para secar. Acho que ele não deve ser brasileiro, tem cara de argentino, uruguaio, sei lá. Mas com esse perfume... Uai, espera aí! Droga, uma aliança! Peraí, deixa ver direito se é na mão esquerda ou direita. Bosta, é na esquerda! Só podia ser, o que é bom sempre tem dona. Quando eu me casar, não quero essa palhaçada de aliança.

Perdida em suas análises reflexivas, quase perdeu também o ponto. Levantou-se apressada, o ratinho astuto se contorceu, oferecendo a passagem e um sorriso. Bethânia retribuiu e seguiu o seu caminho, com o perfume em suas narinas e em sua memória, ansiosa pela noite, quando iria se deitar com os ácaros e sonhar com os ratos.

AGÊNCIA DE CASAMENTO

Na agência de casamento Toque de Mágica:

— A próxima candidata a se casar com o senhor Charles Sweet pode se apresentar.

— Olá, meu nome é Anunciata Miranda.

— Ok, vamos começar: por que a senhora resolveu se candidatar para se casar com o senhor Charles?

— Porque, pelo perfil dele, percebi que temos muitas coisas em comum... Os mesmos objetivos, os mesmos gostos e expectativas em relação à vida. Valorizamos também as mesmas coisas e temos o humor parecido. Além disso, respeitamos a individualidade do parceiro e possibilitamos que a pessoa amada se desenvolva profissional e pessoalmente.

— Hum, interessante.... Vocês dois chegaram a conversar?

— Sim, depois de visualizar o perfil dele, conversamos várias horas sobre nossas preferências e nos divertimos muito. Ele gostou muito da minha aparência e do meu sorriso, eu também gostei demais dele.

— A senhora sabe que isso não é muito importante na escolha, pois há critérios que precisam ser respeitados, não é mesmo?

— Sim, sei...

— A senhora trabalha?

— Claro, fui promovida na minha empresa, sempre fui uma pessoa muito dedicada e leal, em todos os sentidos.

— Ótimo, a senhora ganhou vários pontos. Qual é a sua formação?

— Tenho nível superior e ainda estou fazendo uma especialização na minha área.

— Excelente! Como a senhora se define?

— Bom, eu não sou perfeita, mas estou sempre disposta a aprender com os meus erros. Sou sincera, justa com os meus amigos e, quando estou em um relacionamento, sou muito leal e dedicada, com certeza.

— A senhora tem boas qualidades. Mas me diga, a senhora já teve outros relacionamentos?

- Sim, eu sou divorciada.
- Ah, tá. Tem filhos do relacionamento?
- Sim, tenho um filho maravilhoso!
- Entendo... Qual a idade da senhora?
- Isso é importante?
- Não, é só para constar.
- Eu tenho 39 anos.

— Ah, tá, quase 40. Ok, Senhora Anunciação, infelizmente a senhora não se encaixa no perfil que a sociedade exige, um relacionamento é coisa muito séria e muitos critérios devem ser levados em conta na hora da escolha. Quando encontrarmos alguém compatível, entraremos em contato, ok? Passe bem.

- É Anunciata.
- Próxima! Qual o seu nome, querida?
- Virgínia.
- Por que a senhora se candidatou?

— Porque eu achei que ele é muito bonitão, de boa família e tem uma boa vida.

- Ok. Vocês dois conversaram?
- Uma vez. Ele me achou bonita, ele parece ser inteligente.
- Interessante... A senhora trabalha?
- Ainda não, estou aproveitando a vida enquanto posso, mas meu

sonho é ser modelo.

- Entendo. Qual é a sua formação?

— Eu estou terminando o Ensino Médio, se eles me deixarem, he, he, he!

- Como a senhora se define?
- Ah, eu sou uma pessoa boa, desejo sempre o bem pra todos.
- A senhora é solteira? Qual é a sua idade?
- Sou, livre e desimpedida! Vou fazer 20 aninhos!
- Ok, o casamento é seu! Não vai fazer merda, hein!
- Oba! Imagine, temos tudo pra dar certo!

DIÁLOGO NA CAMA

Maria Gaivota: — Estou tão feliz!

Zé Ruela: — Que bom, fico feliz também. Seja livre!

Maria Gaivota: — O que você quer dizer com essa, “seja livre”?

Zé Ruela: — Uai! Nada; que você seja livre, como uma gaivota, he, he, he! Só quero que você seja feliz.

Maria Gaivota: — Mas eu já sou feliz.

Zé Ruela: — Então, seja livre!

Maria Gaivota: — Eu também já sou livre. O que você está querendo dizer com isso, pode falar, eu não sou mais criança, eu aguento muito mais do que você possa imaginar.

Zé Ruela: — Está bem, depois não diga que eu fui rude!

Maria Gaivota: — Claro que não, você pode dizer o que quiser, livre como uma gaivota!

Zé Ruela: — Sabe o que é? É que estou vendo que você está querendo demais de mim! Eu não estou preparado pra isso, me desculpe!

Maria Gaivota: — Pra isso o que, Ruela?

Zé Ruela: — Pra isso, relacionamento com você... Entendeu?

Maria Gaivota: — Uhum... Entendi. Você não está preparado pra ter um relacionamento “comigo”?

Zé Ruela: — É. Não quero que você fique triste, a gente se divertiu aqui, mas pra mim, pra casar, eu quero uma mulher que seja pura, sabe como é? E você é muito avançada pra mim, muito independente.

Maria Gaivota: — Você quer uma mulher que seja pura? Que seja dependente?

Zé Ruela: — Não é isso, Jesus! É porque você é quente demais, já teve experiências, sabe demais, não precisa de ninguém, acho que você não serve para mim, entendeu? Todo mundo diz que isso não tem futuro e que você tem “passado”. Eu gosto demais de você, mas não dá. Se você

quiser, podemos ser amigos e, se sentir saudades, a gente pode brincar mais.

Maria Gaivota: — Você tem razão, Ruela... Eu não sirvo para você. Eu sou uma mulher experiente e que tem a oferecer mais do que você deseja, eu não estarei com você por necessidade, mas por vontade, isso, talvez você não seja capaz de manejar. Sei coisas e não sou mais pura, sou impura, sou gasta, sou rodada. Obrigada pela esmola, mas, não, não preciso de um pau pra subir, preciso de um chinelo pra descansar meus pés. Vá e procure a sua pureza.

Zé Ruela: — Mas a gente ainda pode continuar amigos?

Maria Gaivota: — Claro.

Zé Ruela: — Então, te vejo amanhã.

Maria Gaivota: — Melhor não, que tal no ano que vem?

Zé Ruela entendeu a mensagem e saiu para nunca mais voltar. Maria Gaivota ficou cada vez menos livre e sua pureza foi sendo minada a cada dia... A cada novo diálogo.

O NATIVO

O relógio despertou, como sempre, às seis da matina. Abriu os olhos com um esforço incrível, olhou através dos vidros trincados da janela e percebeu que o tempo parecia escuro. Levantou-se, escovou os dentes, cuspiu no lavatório e jogou água no cuspe para limpar, enquanto fervia a água do cafezinho que levaria para a obra. A mãe dormia ainda, pegaria serviço mais tarde. Colocou a roupa do trabalho pesado na mochila, que estava arrancando a alça, passou o café e comeu um pão dormido com margarina, que era mais barata que manteiga. Calçou as botinas e desceu as ladeiras de Ouro Preto correndo, pois já estava atrasado para o trabalho. O pior era que precisaria ir até o centro ou à Rua, como dizem, na hora do almoço, para resolver um problema no banco. Não sabia muito bem como usar os caixas eletrônicos. Quando passava pelo centro da cidade, deparou-se com uma blitz de policiais, que, ao vê-lo, rapaz de baixa estatura, negro, com roupas surradas, não tiveram dúvida em revistá-lo. Ele já estava acostumado. Se fosse um turista, um estudante, um desses bam-bam-bans de Ouro Preto, eles nem paravam, mesmo que estivesse arrolhado de drogas, pensou. É a vida. Batida terminada, correu mais ainda para a obra. Chegando lá, colocou a sua roupa da semana, com a sujeira da obra, e foi para o sol escaldante que já estava fazendo. Esse é o clima da cidade, imprevisível. Trabalhou duro em cima dos telhados, brincou com os companheiros e riu muito. Um amigo nunca tinha ouvido falar em cappuccino, disse que era café com leite. Assim, a manhã se foi e a hora do almoço chegou. Colocou a marmitinha que a mãe havia preparado na véspera num fogareiro a álcool e engoliu o arroz com feijão, mostarda, angu e ovo. Desceu a rua da igreja São Francisco para chegar aos bancos, que estavam lotados. As pessoas o olhavam. Estava tudo muito agitado porque também era véspera de Carnaval, e Ouro Preto no Carnaval é uma loucura. Mas disso ele gostava, se misturava a todos, nativos, turistas e estudantes, bebia até cair, dançava, beijava

moças lindas na “ofegante epidemia, que se chamava carnaval”. Quem não gostava era a sua mãe, “dessa zona”, como dizia, “dessa corja que vem para a cidade sujar e depois ir embora. Sem falar na violência, sempre matam um”. Era o que sempre falava quando o filho se perfumava para sair. Demorou no banco, o atendente era impaciente e ranzinza. Ele não era cliente Uniclass, Classic, ou qualquer endinheirado. Resolveu o problema e saiu apressado, atrasado. A rua São José estava lotada, turistas passeavam vagarosamente como se não houvesse amanhã, fechando as calçadas. Aquilo o irritou e começou a agir como sua mãe agia e o fazia sentir vergonha na infância. Empurrava os turistas e xingava, ele tinha que voltar ao trabalho, pô! Chegou atrasado, o patrão o olhou com careta, mas nada disse. Subiu para os telhados, o estômago já roncava, mas não tinha nem um real para comprar um pão de queijo. Ficou lá, tostando sua pele negra (ou preta, seja lá a forma permitida pelos bem-aventurados), suando, trabalhando, carregando telhas, caibros e vergalhões. Começou a se sentir mal, mas teimou em trabalhar, até que teve uma vertigem e se sentou no chão de terra. Os amigos se preocuparam e pediram que ele ficasse lá até a hora da saída, que estava próxima. Ele não queria, mas não conseguia trabalhar. Um amigo lhe deu um vale transporte, foi para casa de ônibus, sem trocar a roupa da obra. As pessoas se afastaram discretamente.

Uma vez, sonhou em ser médico, mas o sonho durou pouco... Impossível entrar para a universidade, nem sabia como funcionava, nem sabia onde existiam os cursos de medicina, não sabia de nada. Só achava chique ser médico. Mas como ser médico se, quando o pai estava vivo, bebia mais que gambá nesses bares dos morros e chegava jogando panela nas paredes e palavrões na família? Como estudar se a mãe nem sabia ler, tinha que sair para trabalhar nas repúblicas e não tinha tempo para ficar com os filhos? Como estudar se, aos 15 anos, teve que trabalhar na obra com o pai, das sete às dezessete, comendo pouco e trabalhando muito? Não deu. Iria ficar por ali, nos morros mesmo, trabalhando nas obras.

Chegou em casa e já tinha um caldo de mandioca preparado pela mãe. Ela trouxe umas roupas dos estudantes que poderiam servir nele,

até uns abadás de antigos carnavais, que ele nunca teve dinheiro para comprar. Ficou feliz. Combinou com os amigos, pelo celular surrado, de ir para um bar próximo. Os amigos pagariam a rodada, amigo é assim. Beberam, conversaram, contaram os casos de assombrações de seus antepassados, jogaram sinuca. Já tinha melhorado, deve ter sido o sol, mas nunca teve frescura antes. Sentou na calçada e olhou para as estrelas, pensou em como devem ter vivido os escravizados nos morros. Pegou um violão que estava por ali e começou a dedilhar umas modas, como seu pai fazia. Em Ouro Preto é assim: todos têm arte. Sentiu sono. Foi para a casa cambaleante e se deitou na cama. Tinha que acordar cedo, trabalho, mesmo no sábado. Ao menos o Carnaval estava chegando.

O HOMEM E SEU SMARTPHONE

Esse é mais um dos personagens peculiares, reais ou imaginários, que povoam a nossa mística e mofada Ouro Preto. Subindo pelas ladeiras desses morros, onde vive a maioria dos nativos (como se autodenominam os nascidos em Ouro Preto), existem diversos personagens que se destacam. Esse homem em particular, já com mais de 40 anos, sempre no mesmo horário, saía de casa carregando seu smartphone. Um homem comum, de cabelos já grisalhos e seus óculos que lhe conferiam um ar de “nerdice”. Quem o via não percebia que por trás daquele ato comum poderia haver algo além do comum (ou não). Porém, não conseguia achar sentido para que ele saísse de casa e ficasse perambulando por ali ou sentado em uma meia calçada barulhenta e nada confortável. Um dia passei por ele e percebi que ele parecia conversar com uma mulher. No início, pensei que estivesse assistindo a algum filme, não entendi muito bem. Por que estaria conversando com alguém naquele local, ainda mais no viva-voz? Porém, que se danasse, não era da minha conta. Várias vezes o vi por ali, carregando com afinco o seu celular. Lembrei-me de quando o celular servia de apoio à minha relação amorosa e de como ele era personificado, precioso na substituição do amado ou como canal com ele.

Um dia, estava a pé pelas ruas e vi que ele estava sentado com o celular. Quando ele me viu, disse ao celular: “Espere aí”. Só que a mulher não esperou. Infelizmente, tive que ouvir uma frase, algo como: “Hum, que gostoso!” *What the fuck?* O cara estava tendo uma conversa sexual, no viva-voz, no meio da rua? Em que mundo estamos? (isso é só uma reação hiperbólica, na verdade, não me abismei tanto assim).

Bem, só pude tirar uma conclusão sobre esse fato: o senhor deve ser casado e, para despistar, fica ali mesmo nas redondezas, porque não pode ficar papeando com uma mulher dentro de casa. Apenas não consegui entender o motivo pelo qual ele não podia usar um fone de ouvido.

Cuidado com os nerds e desconfie sempre de uma paixão por um smartphone.

Quem conta um conto, aumenta, mas não inventa.

COMO SER UMA FEMINISTA DE ARAQUE

Manu foi criada por uma mãe superprotetora, que resolvia todos os seus problemas, participava de todas as reuniões, convocações, celebrações e vivia em função da pequena princesa. Quando algum amiguinho fazia algo que a contrariasse, a mãe era a primeira a colocar os pés na escola para tirar satisfações e deixar bem claro que “com a filha dela, não”! Sempre que tinha um arranhão, a mãe a levava para o hospital, tinha sempre um xarope na manga. Mas, apesar de todos os “zelos”, sua alimentação era totalmente recheada de alimentos calóricos, que a menina exigia sem encontrar resistência. Não tinha hora para comer, nem dormir, era livre.

Na adolescência, a mãe continuou limpando suas sujeiras e resolvendo seus problemas; nunca lavou um copo, passava os dias de pernas para o ar, se alimentando de teorias sobre liberdade, ativismo, e tudo o que consumia, teorias, nunca prática. Exigia dinheiro para a faculdade, para as baladas, para as viagens, fazia dívidas e dava o endereço da mãe. Viajava para participar de protestos pelas minorias, pelos animais, pelo comunismo, pelo feminismo, chegava em casa e deixava a mãe lavar as suas calcinhas enquanto a pobre se recuperava de um tombo depois de vertigens na beirada da escada; de vez em quando, declarava o seu amor e sua admiração por sua mãe guerreira nas redes sociais, enquanto discutia com opinistas de outras ideologias.

Depois de participar de 352 manifestações, experimentar todas as drogas lícitas e ilícitas, queimar todos os *soutiens*, beijar todos os tipos de bocas que encontrou, de viver toda a liberdade que quis viver, casou-se e teve filhos, que criou, quando podia, como se fossem pequenos adultos livres e capazes de decidirem tudo, desde se iriam de uniforme ou não para escola, até se raspariam ou pintariam o cabelo de lilás com cinco

anos. Para ela, não fazia muita diferença, estava muito ocupada lutando pelo mundo, não tinha tempo para comparecer às reuniões de pais, ou de preparar um jantar de vez em quando; pensava que era absurdo passar uma camisa para o marido e, mais absurdo ainda, não ser levada por ele de carro para onde bem entendesse. Tudo era absurdo, e tudo era exigência demais, separou-se. Libertou-se.

Foi viver a vida de protestos de Facebook e de liberdade total, livre de todas as responsabilidades; postava fotos contra o machismo de camisolinha sexy e maquiagem arrebatadora. Eram 24 postagens por dia, desde declaração de amor aos filhos, que não via há meses, a fotos de camisetinha vermelha no meio da multidão. Oferecia-se para cuidar dos filhos das mães solteiras, participava de projetos voluntários, mas ainda não pagava suas contas. Era uma grande feminista. Não era como a Maria do outro lado da rua, que sempre limpou o seu próprio banheiro e carregou seus filhos por onde quer que fosse, ensinando-lhes que não deveriam tratar mal as pessoas nem se deixarem ser maltratados. Maria ensinou-os a respeitar os outros, a assumir suas responsabilidades, a economizar, a cozinhar sua própria comida, os meninos e as meninas. Maria ensinou-os a serem solidários uns com os outros e a se ajudarem no que um fosse mais fraco que o outro. Maria não aceitou que nenhum babaca entrasse em sua casa, mas gostava de ser livre quando podia. Usou e fez o que quis, mas deu limites aos filhos para que pudessem questioná-los quando fosse o momento certo, para que não se preocupassem com o que não fossem ainda capazes de resolver ou experimentar. Maria, sim, protegeu seus filhos. Ela encontrou um bom companheiro, com quem compartilhou muitas coisas, que adorava cozinhar. Ela não se preocupava em ter que passar as camisas dele, sempre passou melhor e mais rapidamente. Maria participava de mutirões no bairro, participava das reuniões na Câmara e ajudava os que precisavam. Maria não precisava provar nada. Maria era toda vermelha, e não só uma camisetinha sexy.

DOCE ILUSÃO

Era tão menina quando se casou, com a sua barriguinha guardando um anjinho e um sorriso doce nos lábios, imaginando viver um grande amor... Aos quinze anos, Márcia acreditava em contos de fadas e príncipes encantados, e em Marcelo encontrou a imagem do cavaleiro destemido, pronto para salvá-la do dragão da solidão. Os anos correram depressa e a verdade insistiu em destruir lentamente todos aqueles ideais, seu príncipe se mostrou como sempre fora: um homem comum e medíocre. Marcelo não tinha nada de especial, não era engraçado, não gostava de conversar, suas distrações se resumiam a futebol, TV e cerveja com os amigos, mas, para Márcia, isso era tão pequeno, tão pouco, tão desprovido de dignidade, que ela foi perdendo totalmente o interesse em viver ao lado daquela pasmaceira.

A filha foi crescendo e a vida não teve muitas variações, apenas trabalho e melancolia, nenhuma emoção, nenhum romance. A internet era o lugar onde ela podia se libertar, encontrar pessoas de mundos diferentes, saber de coisas que nunca imaginara ver e viver. Foi lá que, numa noite de futebol, encontrou uma pessoa que mudaria o seu modo de sonhar, um egípcio lindo, jovem, com deliciosos olhos adornados por grossas sobancelhas. Com poucas conversas, ele já exigia dela atenção e carinho especiais, estava sempre à espera dela, sempre tinha lindas palavras para consolá-la na noite solitária, sempre tinha prazer em ouvi-la. Ele a fazia se sentir especial e vislumbrar outras vidas, outros lugares. Não demorou muito para que os dois se declarassem e jurassem amor eterno, mas, se a vida fosse tão fácil, não seria tão emocionante! Ela era casada, e ele, muçulmano.

O tempo foi passando, o casamento e as mentiras se tornaram insuportáveis. Márcia chamou o marido para conversar e disse que precisava de um tempo, afinal, havia se casado muito nova e não estava certa de que era mesmo aquilo que queria. O marido sofreu, perdeu, mas no final

entendeu o lado da esposa ou fez que entendeu. Talvez também quisesse provar algo para si mesmo ou experimentar um pouco do que a esposa sugerira. O fato é que ele saiu de casa e deixou a mulher e a filha de cinco anos.

Márcia estava totalmente apaixonada por Hytham, era o amor que tanto esperava, que tanto sonhara! Ele era totalmente romântico, atencioso, engraçado, lhe dava atenção e a fazia se sentir especial, única. Ela era chamada de “minha vida” e sabia que aquele amor seria eterno.

No mês do dia dos namorados, Márcia quis fazer uma surpresa para Hytham, comprou uma aliança com o nome dela gravado, uma cueca vermelha para representar o amor dos dois e mandou para o endereço que ele havia lhe dado. O presente lhe custara os olhos da cara, mas o que era a visão comparada a um grande amor?

Márcia sabia que ele era muçulmano e que seria muito difícil a família dele aceitá-la, mas ele lhe dava tanta segurança que ela não duvidou por nenhum segundo de que tudo acabaria bem. Na noite em que enviou os presentes, não conseguiu se segurar e contou sobre a surpresa que havia enviado para a casa dele; ela falou pela tela do computador:

— Hytham, meu amor, no dia dos namorados você vai receber uma surpresa em sua casa.

O egípcio não soube disfarçar a sua expressão de susto, pavor, ou seja lá de que diacho era aquela expressão escabrosa, mas Márcia logo notou que o que fizera não tinha sido recebido de bom grado. O rosto dele fez com que milhões de sinos tocassem em sua cabeça e, de repente, ela conseguiu ver algo que não havia conseguido ver em oito meses de convivência. Ele finalmente disse:

— Você está louca? Como eu vou explicar isso pra minha família? Você sabe que eles não sabem de você, e se eles souberem da sua situação...

Márcia ficou sem mundo, ficou sem vida, sem futuro, perdeu tudo em um instante. Percebeu que tudo o que vivera até ali tinha sido construído em areia na beira do mar; seu castelo tombara e ela não tinha mais material para reconstruir. Ela queria morrer. Aquele homem nunca pen-

sou nela na vida real dele, nunca a escolheria para esposa, nunca a apresentaria para a família; para ele, Márcia não passava de um passatempo muito divertido, uma estrangeira com quem teria grandes histórias para contar ou para esconder.

Márcia ficou deprimida por um mês, não saiu de casa, não trabalhou, definhou e quase morreu de verdade. O marido não sabia o que estava acontecendo com a esposa, pensou que tinha alguma doença desconhecida, algum mal, mas ficou ao seu lado até que ela voltasse a olhar para alguma direção que não fosse para o além. Um dia ela saiu da letargia e decidiu que ia viver no mundo real e que a felicidade não é fantástica, que pode ser conseguida na simplicidade do dia a dia, com alguém que gosta de futebol e de cerveja. Ao menos tentou sentir tudo isso e aceitou que seu marido voltasse.

A vida estava caminhando e Márcia estava realmente se esforçando para tornar o casamento tolerável, apesar da dificuldade que um sonhador encontra para viver na mediocridade. Um dia, a sogra foi até a sua casa para aconselhar-lhe e ver como andavam as coisas naquele casório. Márcia a recebeu muito bem e as duas foram tomar café na varanda, quando um carteiro chegou com um embrulho para Márcia. Quando Márcia olhou aquele pacote nas mãos daquele inoportuno trabalhador, sentiu as faces como pimenta ardente e sua mente mergulhou numa viscosa confusão. Ela respondeu rapidamente:

— Sou eu, sou eu!

Assinou os papéis e saiu correndo com o pacote para dentro de casa. A sogra tinha visto que era um pacote com dizeres estranhos e quis saber mais, mas Márcia despistou:

— Não, Dona Filipina, isso aqui é de uma amiga minha lá do Egito que pediu para entregar para o namorado dela, espera aí que vou guardar!

Márcia abriu o pacote dentro de casa, pegou aquela cueca vermelha e enfiou na lixeira da vizinha pela janela da cozinha. Teve que jogar o anel na privada e dar descarga, com muito pesar pelo dinheiro gasto. Aquela cueca tão linda, na lixeira da vizinha! Tomara que o marido dela

não veja aquilo. E o anel, com o meu nome escrito, como fui ridícula e idiota! Márcia pensava tudo isso enquanto a água levava embora a prova de sua burrice e ingenuidade.

Se a sogra desconfiou, ela não sabia. O olhar daquela mulher era indecifrável, como o da Esfinge! O fato é que tudo o que ela havia mandado voltara. Ela não sabia se ele devolvera o pacote, se havia mudado, se o endereço informado nunca existira, mas o vazio dentro de seu coração se tornou maior. Como uma pessoa pode se enganar tanto?

Hytham foi o seu príncipe, mas Marcelo era o seu marido. Dormia com Marcelo, mas sonhava com o seu príncipe. Dormia com seu príncipe e acordava com Marcelo. E assim suportou a mediocridade de sua vida.

AS JANELAS DO DESTINO

Ele nunca imaginou que aquela noite entediante poderia mudar a sua vida. Visitou diversas páginas na internet, vasculhou sites de relacionamento à exaustão, ainda que mostrassem sempre as mesmas atualizações dos mesmos amigos. Um anúncio chamou sua atenção, um novo site de bate-papo, entrou, tentando preencher o vazio que lhe destroçava o peito e lhe tirava o sono.

Depois de três conversas mais entediantes do que a própria noite, resolveu que aquela seria a última tentativa e que, depois, iria finalmente para o seu leito. O apelido lhe chamou a atenção: “Feia, mas doce”. O papo começou como todos os outros: “Oi”, “de onde tecla?”, “O que deseja?”, mas logo notou que havia algo de diferente na Feia, ela realmente era doce. O papo foi tão divertido e agradável, girou em torno de comida, histórias dos tempos de escola, até filosofia sobre a existência; o dia já começava a dar os seus primeiros sinais, mas eles não queriam se deixar, não queriam dizer “adeus”, não queriam se perder. A surpresa maior foi descobrir que eram da mesma cidade, então, Adalberto pediu logo o e-mail e o telefone, para que nunca mais se perdessem.

Os dias foram passando e a cada conversa os dois percebiam que havia algo a mais naquela relação, um entendimento, uma sintonia, um prazer inquestionável. Eles poderiam passar horas conversando sem que se dessem conta de que a noite se fora e sem que houvesse algum minuto de tédio; as despedidas eram intermináveis.

Cristine se sentia livre com Adalberto, e ele podia ser ele mesmo, sem máscaras, ou quase. Apesar de toda aquela sintonia, havia no ar um sentimento estranho, como quando sabemos que algo está debaixo do tapete, mas não queremos levantá-lo para olhar; poderia ser poeira, mas poderia ser algum animal peçonhento, e às vezes é melhor fingir e sonhar que nada está lá para não levarmos uma picada conscientemente. Esse sentimento estava presente no ar, mas nenhum dos dois sabia ou

queria saber, queriam apenas fingir que aquele era o mundo real, o único mundo.

Era amor! Amor de ideias, de almas, de ideais, não de corpos, ainda. E amor não vem mais de ideais que de realidade? Não sei. Mas os dois sabiam que se amavam e precisavam dizer o que lhes sufocava, antes que a dor os consumisse.

Em uma noite fria e chuvosa, os corações estavam agitados e as frases pontuadas por insistentes e longas reticências. Sentiam que a hora era aquela e não queriam adiar mais nada, assim como também temiam perder o tesouro que conquistaram naqueles meses. Cristine, finalmente, teve coragem e digitou a seguinte frase:

— Dada, eu tenho uma coisa pra te contar...

Esperou com o coração saltitante, até que embaixo da caixa de diálogo do aplicativo pudesse ver: Adalberto está digitando. Finalmente veio a resposta:

— Eu também tenho....

Naquele momento, os dois não sabiam se sentiam aliviados ou enganados, os sentimentos eram confusos, mesclas de raiva, medo, ansiedade. Eles nunca suaram tão frio e o silêncio do teclado nunca pareceu tão longo. Adalberto digitou: — Primeiro as damas.

Cristine pensou, Covarde! Mas não era hora de adiar mais nada, de uma vez só digitou:

— Quando eu te conheci naquela sala de bate-papo, eu não poderia imaginar que você seria essa pessoa tão especial que é hoje e sinto que daria a minha vida por você e que também não sei mais viver sem você... Em todos os meus sonhos nós nos encontramos e é sempre o momento mais feliz de minha vida. Mas você precisa saber que esse sonho será muito difícil de ser realizado e não sei se você vai querer falar comigo depois de saber... Mas não posso mais esconder... Eu... Sou casada.

Silêncio devastador. Nenhuma palavra na tela. Cristine pensou que agora estava tudo acabado e que nunca mais ele teria confiança nela ou lhe daria o mesmo valor. Os seus olhos estavam embaçados de lágrimas,

ela suave e não conseguia se conter na cadeira, até que finalmente ele digitou:

— Eu não posso andar.

— O quê? Como assim?

— Eu sou uma pessoa com deficiência física, vivo numa cadeira de rodas e dependo da minha família...

Nunca houve tanta dor! O que pesava mais naquele momento era difícil de dizer. Cristine estava atordoada, não conseguia pensar, não conseguia aceitar. Parecia que tudo era uma brincadeira, que ele estava inventando aquilo só para que ela se sentisse melhor, como sempre fazia, mas não era. O amor poderia suportar tantas artimanhas? Algum dia eles estariam preparados para enfrentarem as consequências de um sentimento em tais circunstâncias? Cristine estaria preparada para dar a Adalberto o que ele precisava? Adalberto estaria disposto a enfrentar a família e a sociedade? Será que o amor é mais forte que tudo, até os nossos próprios preconceitos?

Cristine disse que precisava pensar e para que ele pensasse também. Os dois disseram adeus, talvez pela última ou primeira vez pelo resto de suas vidas. Do lado de cada um, a vida real seguia.

NINGUÉM PERDE POR NOTAR

O pai estava sempre gritando com o menino, mas o tempo era curto: doze horas no trabalho, mestrado e o escambau; como poderia sobrar tempo para ter paciência e prestar atenção ao filho? Era preciso saber mais, trabalhar mais, para ter mais, para dar coisas ao filho e ensiná-lo como deveria ser um homem. Mas Júlio não queria saber de gastar suas preciosas horas em coisas tão enfadonhas como as que o pai gastava, ele preferia inventar, histórias e coisas, o que era muito mais proveitoso, divertido e dava mais sentido a uma vida pequenina.

Em uma noite igual a todas as outras, o pai chegou e em suas fuças estava escrito “stress”. Júlio já estava acostumado àquelas letras e não deu importância, continuou montando sua nave espacial de papelão e embalagens. Aquela invenção foi a mais legal que ele já tinha feito, era tudo bem calculado, bem cortado, bem montado, ele estava orgulhoso de si mesmo. Estava tão bom que o pai notaria, com certeza! Colocou a geringonça na mesa de centro da sala à espera do “stress” e ficou sentadinho no sofá, aguardando os comentários. Ele sabia que o pai era seco e não tinha jeito com essas coisas de palavras agradáveis, mas teve esperança, diante de um trabalho tão bem executado. O pai pensava que ele era meio doido, atrasado, porque vivia pensando em suas próprias coisas e se esquecia dos outros lá fora; também os colegas e o resto do mundo o apelidaram de burro, bobo, “ET” e coisas não muito animadoras, que cortavam seus brios”. Mas, agora, ele ia mostrar que sabia fazer alguma coisa legal.

O pai chegou, jogou a pasta sobre o sofá e se recostou no outro. Pegou o controle remoto e foi saracoteando pelos canais da TV enquanto descansava o corpo para o próximo round. Júlio ficou ansioso, olhando para o pai, imóvel, só os pezinhos tremiam. Será que o pai não veria? O pai nem via que ele estava ali, sentado, nunca viu, isso não fazia mais diferença. Mas, a nave, ele tinha que ver, não era possível!

De repente, o pai se sentou no sofá e olhou para a mesa de centro, o coração do pequeno Júlio acelerou e um pequeno sorriso se esboçou no canto de seus lábios. O pai passou a mão sobre a mesa e jogou todo o trabalho do menino no chão, dizendo:

— Que bagunça, Júlio! Tire essa zona daqui que eu tenho que trabalhar!

Colocou o notebook na mesa e começou a digitar.

Aos 15 anos, Júlio saiu de casa, foi morar com amigos. Não deixou bilhete, nem carta, nem e-mail, nem nada. Estava certo de que ninguém sentiria a sua falta, já que ele era um bobo inútil.

Aos 30 anos, Júlio se tornou um importante empresário com várias invenções patenteadas. Seu pai não estava lá para ver, aliás, nunca mais viu o filho e se lamentou por não ter olhado para ele naqueles 15 anos. Mas aquelas letras estavam lá, e a maneira de viver do pai também, todos escritos na testa de quem aprendeu muito bem a lição.

TANTO AMOR PODE MATAR

É difícil saber onde erramos na educação de um filho, onde amamos demais ou de menos, onde o sal foi mais abundante que o açúcar e por que certas escolhas foram feitas, mas o mais difícil é enfrentar aquele momento em que o nosso querido e amado bebê se transforma em uma pessoa desconhecida, em um agressor capaz de tudo para satisfazer seus desejos e frustrações. Tantas perguntas e acusações foram trocadas entre os pais de Nataniel, mas nenhuma resposta era satisfatória ou poderia resolver o grande problema que se instalou naquele lar há alguns meses.

Nataniel sempre teve tudo o que quis: os melhores brinquedos, as melhores roupas, a melhor educação, mas Marly e Renato nunca foram fortes o bastante para dizer o que não queriam ver, nunca foram claros com as regras, nem mesmo as tinham delimitadas dentro de casa. Só queriam dar amor incondicional ao seu único filho, tanto amor que ele se sentiu poderoso, como o próprio príncipe Willian. As dúvidas só surgiram no primeiro embate com a mãe, dia triste, quando Nataniel entrou feito louco à procura de dinheiro, ameaçando Marly com uma estatueta de metal. A dor que aquela mãe sentiu naquele momento é incomparável a outra dor ordinária, ela viu naqueles olhos um marginal, um monstro, um desconhecido que tinha ódio e seria capaz de matá-la; aquele não era Nataniel, aquele não era seu filho.

Muitas brigas se sucederam àquela primeira e muito dinheiro foi consumido, além das coisas que Nataniel pôde carregar para acalmar os sustentadores de seu vício. Muito sofrimento e desejo de morte invadiram os anseios daqueles pais, que não tinham mais alegria ou esperança de que seu filho pudesse se recuperar. Quando pensaram que nada pior poderia acontecer, receberam a visita de alguns traficantes que queriam cobrar uma enorme dívida que Nataniel fez em nome da coca. Foram amarrados, ameaçados e avisados de que o filho seria morto em breve se não conseguisse o dinheiro que lhes devia. Após muita tortura psicoló-

gica, os bandidos deixaram o lugar e se despediram usando o corpo de Marly, além de espancarem o pobre e indefeso Renato, que não sentiu mais dor do que a que experimentou ao presenciar o abuso sofrido por sua mulher. Depois desse fato, juntaram todo o dinheiro que tinham e compraram uma arma, para quando aqueles marginais voltassem e tentassem surpreendê-los.

Após alguns dias, Nataniel apareceu transtornado dizendo que seria morto por “Kabeção” e que não teria mais um dia de vida, procurou pela casa algum bem que pudesse salvar a sua vida miserável, destruindo o pouco que ainda restava de dignidade naquele lar. Nada encontrou e ordenou ao pai que fizesse um empréstimo, pois naquela noite Kabeção viria cobrar a sua dívida. Renato não tinha mais nada a perder e decidiu ir até o banco fazer o tal empréstimo. Nataniel fez as “malas” enquanto o pai estava fora e se foi. À noite, o pai e a mãe foram para o quarto e trancaram a porta, alertas para uma possível visita. Os dois se abraçaram como há muito não faziam e esperaram noite adentro. Nada mais importava, se a morte viesse e os levasse, se o mundo ali acabasse, queriam apenas ter a paz de volta.

Tarde da noite ouviram alguns ruídos, Renato se levantou ligeira e silenciosamente e pegou a arma que havia comprado, seguiu para a sala onde ficava o cofre. Não se importava com mais nada, queria acabar com aquilo, mesmo que isso significasse acabar consigo mesmo. Chegando à porta viu alguém tentando abrir o cofre, tremendo, apontou para o invasor e deu três tiros certos gritando:

— Morre, desgraçado, me deixa em paz, morre!!!

O invasor tombou e o pai reconheceu na penumbra os olhos do antigo e indefeso Nataniel, que cuspiu sangue e deixava sua alma se esvaír lentamente:

— Pai...

A dor daquele pai acabou naquela hora, porque sabia que iria se encontrar com Nataniel em outro lugar, melhor que este. E assim foi ao encontro de seu filho e deixou viúva uma mãe que se refugiou na loucura de suas lembranças, amortecendo as suas dores em uma realidade

de outros tempos, quando os três formavam uma família feliz e com um futuro radiante.

OS BONS MORREM JOVENS

Quando os amiguinhos brigavam por alguma questão, Gustavo sempre tentava pesar os dois lados, ponderando, dando razão a quem achava que devia, buscava sempre a verdade justiceira, tanto que às vezes era difícil decifrar de que lado ele estava. Na verdade, não estava de lado nenhum, ou melhor, estava do lado de todos, dos rejeitados e desvalidos. Aos 25 anos colocou na cabeça que queria ser vereador, iria contribuir para acabar com a sujeira que havia no governo de sua cidade, criaria leis para que houvesse maior transparência nas contas públicas, ajudaria os mais necessitados, faria tudo o que ele sabe ser possível fazer, mas ninguém faz.

Venceu as eleições graças aos votos das eleitoras, pois, neste mundo, aparência conta até no momento em que estamos decidindo o futuro de uma cidade. Ele não quis acreditar que fosse esse o motivo de sua vitória, mas, sim, os ideais de sua campanha. Realmente, o entusiasmo de seus discursos contribuiu um pouco, mas não foram os fatores decisivos.

Tomou posse com a maleta lotada de projetos maravilhosos, ideais nobilíssimos e muita vontade de mudar o mundo, mas o cenário que encontrou não fora um dos mais agradáveis. A sujeira estava tão entranhada no cotidiano daquela gente, que qualquer um se convenceria de que errado seria não participar de tais práticas fétidas. Gustavo percebeu que o pior problema estava no povo. Esse povo não sabia sequer qual era a função dos governantes que elegeram, suas mentes ainda viviam no tempo do coronelismo e se deixavam comprar por botijões de gás, transporte para consultas médicas em outras cidades, cestas básicas. Para eles, um vereador seria uma espécie de agente social, com a função de realizar tarefas pequenas e individuais, gastando parte das verbas públicas com ajudas pontuais. A maioria deles gastava a maior parte de seu tempo realizando essas tarefas, encaminhando pessoas necessitadas até os setores de assistência social e se beneficiando da ideia de que eles resolveram

pequenos problemas. A população ficava agradecida e pensava que esses políticos eram “bonzinhos”, porque se dispuseram a ajudá-la. Porém, os projetos, as leis, as ações que poderiam ser realizadas para melhorar a vida da população como um todo definitivamente nunca faziam parte das ocupações deles. Vez em quando, algum vereador roubava um projetinho dos noticiários da TV, que abordava algum problema em voga, para dizer que se preocupava com crianças na escola, com a merenda, com o bullying e por aí vai.

Gustavo bem que tentou, durante um ano e meio, lançar seus projetos, mas nunca conseguia apoio dos outros vereadores, e muito menos da população preguiçosa, que achava tudo chato e uma perda de tempo. Ele sentia raiva do governo que não inseria no programa educacional algum tipo de disciplina que ensinasse sobre os direitos, os deveres, sobre as funções dos políticos, mas teve mais raiva ainda do povo comodista que se contentava com um cobertor ralo no tempo do frio e gastava suas esmolas com bebidas e similares, enquanto seus filhos se prostituíam e se drogavam sem que isso lhe causasse indignação, muito menos acarretasse alguma atitude do governo. Começou a achar que nem sempre quem precisava merecia alguma ajuda e que a podridão nunca ia ter fim, nunca ia ter conserto, um círculo sem fim. Cansou-se de dar murros em ponta de faca e decidiu se juntar aos “bons”.

Sem mais ideais e esperanças, subiu na carreira política e viajou para o Egito, o seu grande sonho. Enriqueceu e achou que merecia, porque via o que o povo não via, e que se dane o povo! Deus quis assim e os homens querem assim, então, por que não aproveitar os louros de sua vitória?

Aprendeu a agradar uns e outros e a subir cada vez mais. Algumas vezes parava e ria de seus antigos ideais, mas, no fim de seu sorriso sarcástico, uma gota de melancolia queria pular e se expor para o mundo cruel.

A VIDA É UM CIRCO

O mundo é um grande circo e cada um precisa representar bem o seu papel antes que a lona caia. Na maioria das vezes, os palhaços, as malabaristas, os mágicos e os engolidores de fogo precisam também vender as pipocas, as maçãs do amor e os ingressos, tudo a vinte reais, no mínimo. Montam e desmontam a tenda de tempos em tempos e correm pelas estradas do mundo, procurando representar os mesmos papéis para plateias diferentes, esperando pelos aplausos e por uma grande audiência, afinal, é disso que vivemos todos. Quando as luzes se apagam, porém, há todo o lixo para juntar, a bagunça para arrumar e o trabalho para o dia seguinte. Os que aplaudem vão embora para os seus circos e se esquecem do espetáculo apreciado, afinal, amanhã é outro dia. Geralmente, os palhaços são os mais tristes, porque, na incansável tarefa de provocar o riso, sentem-se vazios dentro de sua própria graça e, conhecendo bem, não veem mais sentido em usufruírem-se dela. O trapezista se desfaz de sua infalibilidade e veste a sua roupa de catador de fezes do leão, a sua verdade oculta.

Um dia a lona cai. Sufoca os espectadores e destrói o circo de artistas comuns. Os artistas, na verdade, artesãos, agora são obrigados a costurar toda a lona ou a sair do circo. Muitas vezes, o circo deixa de representar a magia e a alegria, e os artesãos se voltam apenas para o cocô dos animais e dos humanos. Alguns poucos artistas conseguem ser sublimes no cotidiano e criam um novo mundo dentro desse circo, ignorando os limites sociais, ignorando os limites da vida, ignorando até mesmo o próprio público. Sem pedir público, vive a sua divindade, e por meio dela voa alto, adiante e além da eternidade.

HISTORINHAS DO BAÚ:

CURIOSIDADE SOBRE OS ANIMAIS

Todos nós guardamos memórias e, entre elas, sempre estão algumas curiosidades sobre os animais de estimação que marcaram nossas vidas.

Na época das vacas magras, morávamos todos na casa da minha avó, era uma multidão dentro de uma pequena casa de seis pequenos cômodos. Eu me lembro de que a minha avó gostava de montar o presépio no Natal e era uma maravilha! Procurávamos algumas pedras de esmeril, umas cheias de brilhaços, a triturávamos e depois colávamos o pó brilhoso num papelão de açougue para fazer uma linda gruta que ficava perfeita. Com um caquinho de vidro, fazíamos o laguinho e em volta dele colocávamos alguns musgos verdes. Posicionávamos os bonequinhos em direção à gruta para verem o menino Jesus, que só poderia ser colocado no dia 25 de dezembro. Lembro-me também que fora na época do Natal que alguém pisou na perna de um pintinho e a quebrou. Minha avó fez uma tala com esparadrapo e deixou o pintinho dentro de uma cestinha, dentro de casa, até achar que já estaria curado. Quando tirou o esparadrapo, a perna dele ficou esticada e continuou assim para sempre. De tão acostumado, não queria sair de dentro de casa, aquele danadinho!

O meu tio adorava carne de todo o tipo, fazia armadilhas para gambá, comia coelho, rã, cabrito, tudo o que era “carnoso” ele comia. Uma vez, foi parar em cima das torres da igreja com um amigo, exterminando as centenas de pombas que infestavam o local, usando espingardas de chumbinho. Um dia, eles chegaram com um carregamento de dezenas de pombas mortas e estavam fazendo a limpeza. No cantinho estava uma pequena pombinha encolhida, fiquei com muita pena dela e perguntei se eles a iriam devorar, mas disseram que eu poderia ficar com ela. Eu peguei o filhotinho e cuidei dele, colocava-o dentro da minha jaqueta e

lhe alimentava com arroz. Um dia saí de casa e deixei a minha pombinha numa cestinha, quando voltei, percebi que ela estava toda estropiada; suspeitei, mas ninguém me disse nada. No dia seguinte a pomba bateu as botas, foi então que minha tia me disse que o Pupi, cachorro pequenez da minha avó, a tinha atacado. Fiquei com muito ódio dele.

Além de muita gente, na casa da minha avó, tinha muito bicho. Havia uma maritaca que falava “dona Luziaaaa”, imitando os que chamavam por minha avó. Lá também viviam dois periquitos e dois cachorros, Susi e Pupi. Quando os olhos deles ficavam “purgando”, a minha avó triturava umas folhas de couve e de salsa e colocava sobre os olhinhos deles. Os outros moradores não estavam muito satisfeitos com o tamanho da população, tanto que, misteriosamente, os cachorrinhos adoeceram e morreram. Existe muita gente ruim neste mundo.

Quando morávamos em Ipatinga, pescávamos um monte de peixinhos e colocávamos em um grande balde. De uma hora para outra, os peixinhos apareceram mortos, misteriosamente. Percebemos que a água estava meio ensaboada e suspeitamos que alguém teria jogado algo dentro. Para descobrir o danado que cometeu o delito, usamos da tática de enobrecer o feito, falando uns aos outros: “Nossa, que legal, quem será que jogou alguma coisa aqui? Legal demais, quem será que fez isso?” A bobinha da menina caiu direitinho e confessou o crime: ela havia jogado xampu contra piolhos no balde. O jeito que ela confessou foi tão inocente que nem a enxovalhamos.

Quando ainda morávamos em Ipatinga, viemos visitar a família em Ouro Preto. Com eles, fomos à Acaiaca, terra de minha avó. Lá, eles adoçavam o café com rapadura e usavam a fossa (não gosto de lembrar). Eles adoravam presentear, e o que tinham para isso eram animais. Alguém me deu um galinho garnisé e o levamos para casa. Não sei de quem foi a ideia de viajar sete horas com um galo dentro de um carro. O pior foi que havia uma barreira policial no meio da estrada, e é proibido levar animais, principalmente daquela forma. Eu coloquei o galo no meu colo e a camisa do meu pai por cima, eles olharam lá dentro e nos deixaram passar. Foi algo terrível! O galo era super encarapitado, adorava

correr atrás dos outros e a sua bicada machucava bastante. Um dia, de repente, meu galo sumiu. Depois, soube que minha mãe o tinha dado para uma vizinha cozinhar. Minha mãe é maravilhosa, mas eu odiava essa mania que ela tinha de tomar as decisões por mim, sem me dizer nada. E, assim, perdi mais um dos meus bichinhos.

POR QUE HOMEM SÓ FALA DE FUTEBOL?

Durante algum tempo, todos os dias, a qualquer momento em que me atrevesse a parar para prestar atenção à conversa dos homens que trabalhavam na rua, a temática era sempre a mesma: futebol. Essa não é uma mera questão que versa sobre a tal “paixão nacional” ou sobre supostos gostos masculinos, mas é algo que nos faz pensar sobre muitas coisas que aí estão envolvidas. Essas pessoas falam sobre futebol, não apenas como alguém fala do tempo, para introduzir conversa ou se aproximar do outro, mas falam de futebol para tudo. O futebol é como se fosse também uma grande metáfora de suas vidas, que funciona como instrumento de identificação e de argumentação.

A primeira coisa que me vem é a questão sobre grupos, e sempre digo que essa questão é fundamental para a humanidade, pois explica muita coisa. Pensemos que, antes da necessidade de se identificar, se diferenciar, ou seja, de pertencer a algum grupo, vem a necessidade de preservação da vida, é essa necessidade que move tudo o mais, é ela que transforma e forma, que cria a ação. É a partir dessa necessidade natural e animal de preservação da própria vida, do próprio EU, que tudo o mais existe: o medo, a manutenção do medo, ou seja, a utilização do medo como arma de manipulação, nada mais é que a afirmação da necessidade da preservação do EU. É essa necessidade que faz com que as pessoas se submetam, se agridam, se excluam, e é essa necessidade que também cria grupos.

Em relação à identidade, eu posso dizer que sei quem sou em comparação ou em contraste com o outro. Eu sei que eu sou eu, porque eu não sou o outro, ao mesmo tempo em que encontro pontos de congruências com o outro e ao mesmo tempo também que gostaria de ser como o outro, se o outro é ou possui algo que eu não sou ou possuo, isso pode

me levar a desejar ter ou ser o outro. Dessa forma, quando a identificação ou a falta dela se torna extrema, podem surgir sentimentos e ações que destruam o que enxergamos no outro, seja o que queremos ou o que odiamos; assim acontece com grupos radicais que visam o extermínio daqueles que representam tudo o que odeiam (negros, homossexuais, judeus etc.) ou a destruição do que amam, como acontece com alguns fãs que assassinam seus ídolos. É como se o EU estivesse ameaçado pela diversidade do outro, pelo o que o outro tem de melhor e de pior que nós mesmos.

Desde muito cedo precisamos pertencer a grupos, fortalecer nossa identidade por meio de características que esses diversos grupos possuem e as quais nos agradam e nos seduzem. O que seduz e agrada a cada um vai depender de diversas questões, que abrangem as áreas sociais, culturais, históricas, biológicas e psicológicas. A verdade é que o ponto mais importante é a relação que vamos construindo com as pessoas e com a sociedade a partir de nossas vivências e emoções, que vão ressaltando características do outro e de nós mesmos, as quais vamos tentando moldar ao longo da vida, de acordo com essas inúmeras questões ditas anteriormente. Tudo isso diz do que somos, do que nos tornamos, ou do que escolhemos nos tornar. Então, fazer parte de um grupo, como o de pessoas que gostam e discutem futebol, diz muita coisa.

Em nossa cultura, assim como em muitas outras, a importância do futebol cresceu de maneira notável. Nasceu como um esporte simples e barato, foi cultuado pela mídia e pelos governos, criou ídolos, trouxe emoção, funciona como um ópio para os simples mortais que precisam descarregar sua agressividade e estresse oprimidos cotidianamente; em uma partida de futebol é permitido expressar-se livremente, aliás, é até esperado que nos comportemos dessa maneira, é algo que aprendemos com nossos pares, é como se fosse uma espécie de carnaval que dura 90 minutos, uma válvula de escape e uma fonte de fortes emoções para os torcedores. Quem não gostaria de fazer parte de um grupo desses? Muitas vezes, o fanatismo pelo futebol é visto como uma qualidade e os extremos são elogiados, o que dá mais liberdade e potencializa a demons-

tração intensa de paixão e as próprias emoções. Se é conveniente, bom ou ruim, não é essa a questão. A questão é que o futebol se transformou em um grande evento, em todos os sentidos, um ritual familiar querido e aguardado, e por isso não costumamos questionar as transações milionárias, o *marketing*, a corrupção, a máfia, tudo que hoje também faz parte do futebol. É uma religião.

Essa religião, o futebol, e seus diversos times, dão aos mortais uma chance de pertencerem a um grupo que pode ser vencedor, como os soldados que vão para a guerra por sua pátria. Quando os torcedores falam das vitórias de seu time, dizem “nós”, como se realmente fizessem parte de uma legião, daquele time, como se suas vontades e superstições fossem influenciar de alguma forma no resultado de suas partidas, eles realmente “vestem a camisa”, e muitos ainda contribuem financeiramente com doações a fim de “ajudar” o time milionário. O futebol deixou de ser apenas uma fonte de entretenimento para passar a ser um ritual religioso e sagrado, intocável e inquestionável. Fazer parte de um grupo como esse reforça as características favoráveis da identidade do indivíduo que se torna, por tabela, também um vencedor, porque é parte do grupo e, por torcer, contribuiu com a vitória.

Além de todo esse lance sobre grupo e identidade, falar sobre futebol seria uma maneira de se expressar superficialmente, não tratando especificamente de si mesmo, mas assumindo para si características de seu grupo, ou seja, fazer parte de um grupo que torce para um time automaticamente significaria assumir características atribuídas aos torcedores daquele time, assim como pegar para si as suas vitórias e, com justificativas, suas derrotas. O embate dialógico se daria metaforicamente e trataria aparentemente sobre “o outro”, o time, mesmo que o debatente se identifique e se refira ao time como “nós”. Dessa vez, é o time que fala por ele ou ele que fala pelo time, os méritos, as vitórias, os vexames, as derrotas, são parte dele, mas não totalmente atribuídos a ele. Então, esses torcedores, desde os mais fanáticos até os que apenas utilizam os episódios para entretenimento, sem sofrer muito, podem passar horas falando sobre os lances, discutindo os passes, o carácter dos jogadores,

os títulos, sem que precisem falar deles mesmos, ao mesmo tempo em que falam deles mesmos por meio de suas argumentações. É nesse diálogo, em que cada um defende o seu time, que eles se identificam como indivíduos que fazem parte de um grupo maior, o dos amantes de futebol, daí a camaradagem na maioria das discussões.

Não, não é assim com mulheres (ou homens) falando sobre novela, ou sobre qualquer outra coisa. Quando falo sobre mulheres e novelas, é porque existe um estereótipo sobre homens e futebol e mulheres e novelas. A questão não está relacionada diretamente a gênero, pois, embora, culturalmente, a predominância de interesse por novela seja de mulheres e o engajamento por futebol seja de homens, vemos que o contrário ocorre cada vez mais. A novela, os personagens, os acontecimentos, são apenas fatos que as pessoas trazem à tona e discutem, concordando ou discordando; fazem conjecturas, mas, em geral, todos têm a mesma opinião e torcem pelos mesmos personagens, porém, as histórias da novela não fazem parte da identidade e do cotidiano como o futebol parece fazer. Podemos, talvez, nos identificar com personagens, imitá-los e roubar-lhes alguma característica, mas não sofremos desmesuradamente por suas perdas, não idolatramos o programa, não o santificamos (salvo alguns fanáticos). A novela é apenas mais uma fonte de entretenimento que tem seu início, meio e fim, sabemos que é ficção e pronto. Nós não fazemos parte de um grupo de noveleiros ou filme-maníacos, fanáticos por séries ou algo parecido, esses hábitos não criam grupos definidos, coesos e etéreos. O futebol parece ser parte da vida dos indivíduos, parte integrante de sua identidade, ao menos em sociedades que idolatram o futebol, como a nossa. Embora o título sugira, não são só homens que falam de futebol (ainda que sejam a maioria e a maior parte do assunto seja tratado por eles, em geral).

Bom, eu não sou fã de futebol, assisto de vez em quando para entretenimento e não gosto de fanatismo de nenhuma espécie, mas não posso negar que o futebol se tornou algo importante e é parte da identidade de muitos brasileiros; também é notório que o futebol rende muito assunto para ser discutido, muito além dos lances futebolísticos.

OS QUATRO DO PONTO

Entediada, cansada e pensativa comecei mais uma manhã rumo ao trabalho. No ponto de ônibus, onde aqueles minutos pareciam infernais e infundáveis, me distraí por um momento olhando as flores amareladas das árvores que sempre aparecem no mês de março, quando quatro figuras se aproximaram do ponto. Desviaram a minha atenção. Ninguém que estava ali por perto deixou de notar a presença das personagens, mas nenhum deles demonstrou que as observava.

Três meninas pretas, uma escadinha, deveriam ter entre cinco e sete anos, todas elas com o mesmo penteado, a cabeça repartida em quatro e, em cada quarto, uma pituca crespa e despenteada presa com alguns barbantes. Suas roupas eram notadamente velhas, com alguns remendos e nódoas. A menor, ao se acomodar na calçada, retirou o sapato, que já começava a sorrir, e pisou sobre ele, sinal de que os pés e o calçado não tinham o mesmo número. O sapato da mais velha já tinha um sorriso completo, mas as meninas não tinham sorriso, apresentavam um olhar assustado, triste, observador. As meninas não estavam sozinhas, eram acompanhadas por uma figura titubeante, de olhar vago e movimentos retardados. O pobre homem tentava aparentar dignidade ao fazer o seu papel, mas qualquer vivente notaria que ele não estava em condições de proteger e de servir de exemplo para as suas crianças. O homem preto, magro, curvado e com roupas largas e surradas demonstrava carinho e atenção, o máximo que seu estado permitia.

O ônibus finalmente chegou, as meninas seguiram ansiosas para a porta do carro, mas o pai, advertindo-lhes e querendo parecer exemplar em sua função ali, disse com a voz pastosa:

— Calma, calma, tem que ter educação, respeito, calma! — parecia mesmo exemplar.

Dentro do ônibus, o pai segurou a menor e a do meio se sentou no colo da mais velha, indício de que já tinha o costume de se sentir respon-

sável pelas irmãs. Assim seguiram a viagem até o seu ponto de destino. Chegando lá, os quatro se levantaram, o senhor com a caçula nos braços e as outras duas, que seguiam na frente. As primeiras, ao descenderem do ônibus, demonstraram que haviam aprendido algo com o pai dizendo “obrigado” ao motorista, seguidas pelo pai e pela caçula em seu colo. Outras vezes vi os mesmos quatro e em todas as vezes estavam no mesmo estado, principalmente o pai. Devo observar que o relógio marcava 7:30 da manhã.

Segui meu caminho entediante e entediada. Pensei naquela família, imaginei para onde iria àquela hora, de onde o pai tinha vindo, se dormia, se esse era o seu estado natural, se as meninas sentiam vergonha, se tinham comido, se tinham mãe, se precisavam de algo a mais do que podíamos ver... Obviamente não obtive respostas. Só gostaria que aquela família fosse feliz, e que aquelas meninas guardassem apenas as boas coisas que o pai se esforçava tanto em demonstrar.

FARINHA LUMINOSA

A noite era estrelada, tão estrelada como se alguém tivesse salpicado farinha de trigo luminosa sobre um pano escuro. Era tão linda, tão mágica, eu não conseguia deixar de olhar para aquela formosidade. Tinha lá os meus nove ou dez anos e costumávamos deitar um lençol na calçada, animados por uma noite quentíssima de verão na jovem Ipatinga, para nos aconchegarmos e assim ficarmos por horas, olhando, imaginando e nos fazendo perguntas existenciais. A vida me parecia tão misteriosa e os sonhos tão fantásticos e distantes, minha esperança estava em algum lugar bem longe, talvez lá com aquela farinha fluorescente. Demoraria tanto até que eu me encontrasse, que eu descobrisse os segredos do universo! Até pensei ser imortal, tamanho era o tempo que ainda tinha até me descobrir e ser alguém. Eu não existia, eu era um sonho, um futuro.

Como o cheiro daqueles dias era incomparável, tão doce! O meu coração disparava com os meus devaneios, agitado pelas noites acaloradas e alimentado pelas estrelas animadas.

Olhando aquele céu, eu me transportava para o além de mim, para onde não existia tempo, para onde o mundo era como nos sonhos, perfeição e sensações agradáveis permeando os meus passos; lá, num futuro ou num passado, eu era feliz.

Quantas estrelas cadentes eu vi! Quantos desejos elas levaram consigo, quantos sonhos, quanta esperança! Por que será que nunca mais vi estrelas cadentes? Será que não existem mais pedaços de corpos celestes vagando pelo céu? Será que todos os desejos já foram feitos, por isso elas não têm mais razão de ser? Será que eu apenas deixei de acreditar e fiquei muito cansada para olhar para o céu?

Eu não olho mais as estrelas, nem me pergunto o porquê de nada, nem me transporto para o além. Fiquei muito cansada com os problemas de gente grande e achei que isso era besteira, resolvi ficar no presente mesmo. Amanhã, quem sabe, eu me canse desse pano negro e resolva

jogar farinha fluorescente por cima dele, voltando a sentir todos os aromas e as sensações que experimentara por horas a fio deitada naquele simples e surrado lençol?

LOXOSCELES?

Como somos frágeis, como somos vulneráveis, somos como uma folha de papel que se rasga facilmente...

Numa certa sexta-feira senti no meu tornozelo e na minha batata da perna uma coceirinha, pensei que fosse uma picada de pulga ou de pernilongo, não dei muita importância. À noite, senti o meu tornozelo inchar e queimar, ficou muito vermelho, muito estranho. Não sei por que motivo, mas lembrei-me logo da aranha marrom e de seu poder devastador, pesquisei na internet e vi que os sintomas de um ataque desse animal eram muito parecidos com os que eu estava apresentando: picada indolor, muitas vezes não percebida, inchaço, vermelhidão e queimação após 12 a 14 horas e o pior de tudo: necrose no local da lesão! Inicialmente fiquei assustada com algumas fotos, mas resolvi dormir logo e ver se pela manhã o problema já tinha acabado.

A manhã chegou e o inchaço e a vermelhidão continuavam lá. Continuei o meu trabalho, mas à tarde resolvi ir ao hospital averiguar, comecei a ter pavor por causa das imagens vistas. Cheguei lá e eu mesma sugeri ao médico que era grande a possibilidade de ter sido picada pela tal aranha. Depois de ler um livro sobre animais peçonhentos e de ligar para o Centro de Toxicologia, ele resolveu me deixar lá tomando soro antiaracnídico e soro fisiológico. O resultado foi uma noite de sábado e uma manhã de domingo no hospital.

Hoje já se passaram cinco dias e a minha canela parece estar bem melhor, apenas com um pouco de inchaço, e espero que melhore cada vez mais. Só que me sinto um pouco estranha, minha visão se aguçou e parece que desenvolvi um tipo de sensor de problemas, piso em lugares seguros, apesar de subir pelas paredes. Acho que sou capaz de derrotar qualquer inimigo, a *Loxosceles* me deu superpoderes!

MENINO FEIO

Nasceu fraquinho, parecia mais com as múmias encontradas no Antigo Egito, pele seca, enrugada e osso. Os olhos eram esbugalhados e as orelhas de abano, os cabelos muito crespos e ruços. O pequeno renegado não teve a sorte de possuir nenhum dos atributos típicos dos bebês, não tinha a beleza, a graça nem a fofura, nem tudo o que lhes concede as atenções necessárias. A única característica que lhe restara fora a fragilidade física e psicológica.

Sua infância não foi fácil, como era de se esperar desde que sua face saiu de dentro de sua mãe. Na escola, era a grande vítima dos engraçadinhos populares, que sempre davam um jeito para que o nome dele entrasse em alguma notícia de última hora:

— Ah, é, gente, encontraram um novo parente do Alexis lá no México, vocês viram, ontem, no jornal? Uma múmia muito bem conservada!

— Nossa, aquele acidente ontem com o avião, hein! Se o Alexis estivesse lá com as suas superorelhas de abano, isso não teria acontecido!

— E o vendaval da semana passada? Encontraram o Alexis num varal lá no alto do morro!

O início foi calejante para o pobre menino, mas ele chegou a se acostumar a ser sempre o alvo das chacotas. Ele já sabia de antemão o que os alunos usariam para insultá-lo no dia seguinte, vivia ligado nos noticiários. Ao ouvir alguma palavra que remetesse à feiura, magreza, orelhas, olhos e cabelos, já tomava para si as insinuações. O mundo conspirava contra ele.

Não tinha amigos, não jogava bola, não participava de bate-papos, de discussões, não andava de bicicleta, não fazia nada que os outros faziam, o seu mundo se resumia nele próprio e em sua feiura. E a sua feiura se transformou em fantasmas muito maiores conforme o passar do tempo; tornou-se um ser totalmente recluso, tinha medo de se expor,

medo dos xingamentos, dos julgamentos, dos olhares, dos apontamentos, o que acabou influenciando sua vida social, a qual ele não tinha.

O Menino Feio já tinha 40 anos e nunca tivera um relacionamento duradouro. Os seus medos sempre se sobrepunham a tudo; em primeiro lugar, estavam sempre as suas dúvidas. Uma barreira tinha sido criada diante dele, separando-o de todos os outros seres humanos. Ele não se sentia capaz de despertar um interesse verdadeiro em alguém, pois, lá no fundo, os meninos estavam gritando:

— Você é feio, você tem orelhas de abano, ninguém gosta de você, você é incompetente! Ninguém nunca irá amar você de verdade!

As vozes moravam lá, nunca cessavam.

Muitas foram as que tentaram se aproximar do menino, que já nem era tão feio, mas era amargo e misterioso. Sempre de olhos baixos e poucas palavras. Nenhuma delas, porém, tinha conseguido atingir o seu interior, ele não permitia, não queria sofrer de novo, deixando que caçassem de suas fraquezas. Ele nunca mais seria alvo de chacotas! E nunca mais tentaria viver intensamente, como quando acreditou nas palavras dos colegas quando disseram que a menina considerada a mais linda da escola estaria interessada nele. Foi o pior dia de sua vida, aquele em que a menina pegou o bilhetezinho, escrito com tanto carinho, tanta elaboração e ornamentação, riu a valer e simplesmente o rasgou bem na sua frente, chamando-o de ridículo. Que dor mais terrível se poderia sentir?!

Nunca mais ririam dele! E nem ele riria também. Melhor viver na calma de sua solidão que sofrer tamanhas humilhações.

O menino morreu velho, feio e solitário. Nunca mais viveu grandes provocações, mas as poucas e pequenas lhe martirizariam o suficiente. Ele não sabia qual era a dor e o prazer de se entregar e achava que não queria mais saber como era se perder depois de se achar. Ele não entendia o sentido de tudo e finalmente estava feliz, ele iria abandonar o mundo, não precisaria mais ter que lutar para viver entre as outras pessoas, que existiam apenas para lhe causar sofrimento e dor.

O QUE VOCÊ DIRÁ QUANDO PERGUNTAREM SOBRE A SUA INFÂNCIA?

Quando me perguntam sobre a minha infância, digo:

Levantávamos cedo e íamos para a escola caminhando. Nós, as mães e os colegas da rua, íamos conversando e planejando as próximas brincadeiras. A escola era rígida, não podíamos entrar sem as camisetinhas de botão brancas e as saíngas ou calças de tergal azuis. Muitos de nós, na pobreza mais pobre daquela época, levávamos nossos materiais em sacolas de feiras ou sacos plásticos de arroz. A minha merendeira também era de plástico, levava nela café com leite e pão com manteiga; tinha estojo de madeira, que amava, e meus lápis duravam a vida toda.

Uma vez vivemos uma epidemia de piolhos. Todos tinham muitos, muitos piolhos, em alguns, víamos os piolhos “nadando” até as sobrançelas e os cabelos pareciam estar cheios de farinha. As mães passavam óleo de soja com fubá, arruda e até Detefon, veneno de matar insetos peçonhentos. Sobrevivemos.

Eu e minha amiga inventávamos muita moda. Brincávamos de fazer comida, a cozinhadinha, de fazer peça de teatro, de fazer festinha. Brincávamos com os brinquedos, com os jogos da memória, com os restalinhos. Aprendi a tocar flauta sozinha olhando as instruções, mas aprendi com as mãos trocadas. Brincávamos com os meninos de futebol, de birrosca, discutíamos, pegávamos cigarras e as prendíamos em potes de vidro, fazíamos pulseirinhas com linha e coisinhas que caíam das árvores, das quais não sei o nome até hoje. Brincávamos também de roda, corda, elástico, arco, carro feito de cabo de vassoura, tampa de cera e rodinhas de carrinhos. Brigávamos um monte, ao ponto de meu irmão causar um ferimento na sobrançela de um colega e precisar de pontos.

Mais tarde, me dediquei à limitada biblioteca do meu pai, onde havia um compêndio de literatura e umas enciclopédias sexuais bastante ultrapassadas. Deitávamos nas calçadas durante as quentes noites de verão e ficávamos a ver as estrelas e a pensar em nossa infimidade, fazendo pedidos às estrelas cadentes. Comprávamos fichas telefônicas e ligávamos para as rádios para pedir música do RPM em programa de música sertaneja. Dançávamos ao som de Menudos, fazíamos aula de jazz, as mais velhas faziam permanente, descoloriam os pelos e inventavam cremes mirabolantes de cenoura, beterraba e óleo para se bronzear. Eu chorei por que não podia ter um boneco bebezinho careca. A bisnaga de pão era deliciosa com a manteiga derretendo, não era pão cheio de fubá, como hoje. Aliás, aprendi com a vida que as coisas ruins sempre têm fubá, maisena e TNT.

Pegávamos peixinhos na lagoa e levávamos para casa, brincávamos com o cachorrinho, rodávamos bambolê. Aprendi a andar de bicicleta, mas só sabia virar para o lado esquerdo. Dançávamos lambada com a vassoura. Comíamos gelatina rosê, apostávamos corrida, criávamos cenários, tínhamos uma caverninha secreta e andávamos de carrinho de rolimã. Corríamos a léguas quando víamos os paquerinhas vindo lá embaixo na rua e quando ouvíamos histórias de assombração. Ensaivamos quadrilha e fazíamos a festa junina; líamos quadrinhos; fazíamos cobrinhas de meia para assustar os transeuntes (que palavra *old!*) e brincávamos de queimada. E olha que nós tínhamos uma vida bem monótona, sem familiares na cidade, não saíamos da rua Carmem Miranda.

Quando, no futuro, perguntarem aos nossos filhos como foi a infância deles, dirão:

Ficava deitado mexendo no celular, jogando videogame ou mexendo no computador, enquanto meus pais ficavam livres para fazer a mesma coisa. O meu corpo é atrofiado assim porque nunca me movimentei muito, e essa corcunda já é desde aquela época. Eu ganhava muitos *likes* nas minhas postagens, pode olhar lá no histórico. Aprendi muita coisa sobre o mundo no Google. Meus ídolos eram os irmãos Neto e o Whindersson. Rebuliço! Livros? Odeio. Pra quê perder tempo se está tudo na

internet? Amigos? Tenho uns cinco mil no Facebook. Planos? Sei lá, só tenho 37 anos. Por enquanto está bom assim.

Apocalipse zumbi.

O CLIMATÉRIO DO MUNDO

Quando as propagandas que aparecem no seu navegador são de algum produto relacionado à incontinência urinária, é sinal de que a coisa anda feia. E a coisa anda feia mesmo.

Para todos os lados que olho, vejo apenas destruição e ignorância. Estamos em um cenário de guerra, o caos está em todos os lugares, as pessoas estão soterradas pelo barro da ganância do capitalismo, e os urubus não deixam os restos mortais e os entes lastimosos descansarem em paz, não! Há de se ganhar com a indenização que os sofrendores receberão dos assassinos de seus pais e mães.

O incrível é que as pessoas têm tanta fé em suas ideologias que chegam a se tornar ingênuas quanto à validade prática delas, sejam ideologias da esquerda sejam da direita, dentro da imensa gama de cores. Alguns acreditam realmente que o livre mercado trará a igualdade, outras, que o Estado fará esse papel, como se a humanidade não fosse criada por indivíduos grupais, com características biológicas que tentamos negar a todo o momento, uma humanidade que tenta há séculos entender alguma coisa sobre si mesma. O ser humano continua cheio de fé.

Então, olho para um lado e vejo o caos de um mundo sem lei, de ódio, de intolerância, de egoísmo, olho para o outro e vejo as estruturas em ruínas, pessoas mortas e pessoas querendo matar. Não podemos confiar na polícia, nos governantes, nos engenheiros, nos médicos, nos padres, nos pastores, nas bancas examinadoras, em nada nem ninguém. Não sabemos se, na velhice, teremos amparo, se teremos emprego, se teremos educação e saúde. Não sabemos se nossos filhos terão escola gratuita para estudar e se teremos dinheiro para comer e pagar o aluguel. Não sabemos se poderemos não crer mais em Deus. Não sabemos o que é o hoje e o que é o século XVI. Não sabemos se amanhã entraremos em uma guerra que não nos diz respeito. Estamos em meio a um caos e, no caos, nada brota.

E, no meio desse caos, o desespero, talvez gerado pelo estresse sem fim. Trabalho, família, marido lutando pelo doutorado e eu lutando com o mestrado, nessa maratona furiosa, me pergunto: “de que vale tudo isso? ”, como diria o “Robertinho”. De que vale toda essa correria frenética? De que valem essas minhas atormentações de palavras?

Jamais imaginei viver dias tão horríveis. Talvez seja a idade em que as pessoas acordam da utopia sobre a humanidade, talvez realmente estejamos num inferno anunciado, talvez eu esteja em crise de climatério e, talvez, seja tudo isso junto que potencializa o sofrimento. Mas, hoje, li sobre o epicurismo e penso que realmente precisamos aprender a lidar com nossos sentimentos que são baseados em nossos preceitos morais, porque apenas isso podemos mudar, nada mais. Não temos poder sobre nossa reputação (ao menos controle pleno), não temos controle dos acontecimentos passados, das instituições, do nosso corpo ou do pensamento dos outros. O que tiver de ser, será, e isso preciso aprender. Urgente!

A MULHER TEM DATA

A mulher tem prazos e fases bem definidos. A mulher tem data. Que mulher não se lembra da data em que se tornou uma mulher? Da noite para o dia, pronto, é capaz de procriar, não é mais uma menina. Todos os meses, em uma data aproximada, vai sofrer, sentir dores, mudar o humor e ter que lidar com o sangramento, até que vença o prazo de validade e se torne seca e improdutivo. Essa é a data da velhice. A data em que a mulher não serve mais para a reprodução.

Que mulher não se lembra de seu primeiro e traumatizante fio de cabelo branco? A data do início da decadência? E quando o cabelo branco é de outras partes que não o couro cabeludo, mais depressão. A evolução da mulher é marcada por datas.

O homem não tem datas, a não ser as convencionadas para juventude, maturidade e velhice, mas ele não tem a assinatura do seu corpo afirmando que aquilo é aquilo mesmo e pronto. O homem é uma linha contínua de progressão (ou regressão) suave, a mulher é uma linha decadente e tortuosa, como uma montanha-russa e seus pontos de quedas.

O homem caminha pela vida, talvez, como se não se desse conta de sua progressão. *Just walking*. A mulher é lembrada a todo o momento de que não manda em nada, não controla nada, seu corpo é quem manda (apesar de todas as pílulas mágicas que nos auxiliam). Quando o corpo diz que a hora chegou, não tem disfarce ou escapatória, é hora de pular para o próximo nível. A mulher muda de nível, vira um outro avatar. O homem é o mesmo avatar com alguns acessórios dos quais às vezes nem se dá conta. Ou sem outros acessórios que vão caindo pelos caminhos.

A mulher é assim. Fatos da vida real. O homem é assado. Fatos freudianos.

O BRASIL DO FUTURO

Zezinho nasceu na favela do Taquara. O pai vivia bêbado pelas calçadas das ruas, dizendo gracejos para as meninas e para os postes, pois não existia diferenciação naquela situação. A mãe segurava a família de cinco, trabalhando em casa de médicos, cuidando dos três filhos deles. Na casa dela, os maiores cuidavam dos menores. Zezinho tinha que ir para a escola de manhã e ajudar a tomar conta dos irmãos à tarde, quando não tinha que fazer algum serviço para ganhar uns trocadinhos ou ir buscar o pai na sarjeta. Essa era a sua vida, não nascera grã-fino.

Na escola, as coisas da matemática não entravam na cabeça, a fome gritava demais nos ouvidos, assim como os gritos do pai descendo as escadas na madrugada passada, que anunciavam mais uma noite de desespero. Era chamado de negrinho do pastoreio e excluído dos grupos, odiava aquela escola mais que a própria vida, não vingou nela.

Cresceu e foi trabalhar como entregador de compras, carregava caixas pesadas o dia todo para ganhar um salário-mínimo. Um dia, sem mais nem menos, o patrão o demitiu para cortar gastos. Ele não recebeu nada. Ele não podia ir até o Ministério do Trabalho porque já não existia. Desse jeito, de acordo com a reforma da previdência, nunca teria tempo suficiente para se aposentar. Ele ficou imaginando que o patrão não gostara do pedido de aumento, ele queria comprar enxoval para o filho. De acordo com as novas leis, os acordos deveriam ser feitos entre empregador e funcionário, não por intermédio de sindicatos. Zezinho saiu e lá estavam, na fila, desesperados aceitando ganhar menos que ele; se ele fosse recorrer, sem advogados, e perdesse da empresa milionária? Ele teria que arcar com todos os custos e ainda corria o risco de ser marcado como “aquele que recorria” e não conseguir mais emprego. Ficou quieto. Disseram que o Mercado por si próprio seria capaz de trazer justiça, mas o mercado visa lucro, não visa justiça. Zezinho caiu na bebedeira, e caiu cantando o Tchan. Pensaram que ele fosse gay e meteram-lhe um tiro na

cara, no meio da rua depois de uma briga; era normal qualquer homem de bem, *gay* ou não, ter arma para defender a sua família das ameaças comunistas e homossexuais negras. Morreu atrapalhando o tráfego. Seu filho continuará o ciclo, mas não terá direito à escola presencial, com merenda e tudo, vai ter que estudar pelo computador. Aham. É o fim.

UMA EMPREGADA PARA CHAMAR DE SUA

A minha mãe era empregada doméstica. A primeira vez que eu provei estrogonofe foi quando ela trouxe as sobras da casa da patroa; de vez em quando, trazia também roupas de parentes dos patrões, lembro-me bem do cheiro dessas roupas, nunca era o mesmo que o das nossas. Algumas vezes também aparecia com alguns produtos de beleza dos anos 1960 ou bugigangas que recebíamos com alegria. Uma vez eu fui até a casa da patroa da minha mãe, uma senhora distinta, que morava sozinha e estava sempre elegante. Mesmo sozinha o tempo todo, a minha mãe colocava a mesa, tudo bonitinho, com as louças, talheres e toalhas de linho. A dona era uma pessoa ótima, uma vez me emprestou dinheiro para fazer o telhado de casa, que estava a ponto de desabar, nunca aceitou de volta. Mas algo não estava certo.

A minha mãe ficava sempre apreensiva na casa dos patrões, cochichava e agia como se aquelas pessoas fossem seres superiores, de outro mundo, seres que possuíam algum tipo de direito divino e que habitavam em um mundo cercado por uma linha intransponível, e que nós estávamos mortalmente do outro lado. Não era uma questão de hierarquia, somente, era uma questão de identidade, ou seja, a maneira de se ver e de se colocar no mundo.

Eu nunca seria uma boa empregada doméstica. O Brasil é o país com mais empregados domésticos no mundo, e isso diz muito. O hábito ou desejo de ter alguém para nos servir e fazer toda aquela chatice e mexer na sujeira que não queremos é parte da alma brasileira. Eu também gostaria de chegar em casa e não ter que limpar o chão ou cozinhar diariamente, lavar toneladas de louça suja, levar o lixo para fora, arrumar o meu próprio guarda-roupas; gostaria de ter todo o meu tempo livre para ler, estudar, viajar, fazer trabalhos que me agradem e que me deem

visibilidade ou ter tempo para ficar dormindo a tarde toda. Gostaria de ficar assistindo às séries na Netflix e fazendo tudo quanto é curso que aparecesse. Talvez seria bom também que outra pessoa, com outra cultura, outra educação, outros valores, educassem os meus filhos, os levasse para a escola e aguentasse as chatíssimas e infinitas birras. Só que não.

Há diferenças entre contratar alguém para prestar algum serviço esporádico de limpeza e ter uma empregada doméstica. A casa é o espaço privado e íntimo, onde a família vive, briga, planeja, cresce, se desenvolve, não é uma empresa. Ter uma pessoa estranha e desconhecida dentro da casa, da família, para servir, como se fosse um móvel, parece-me uma das coisas mais degradantes. Como eu poderia educar meus filhos dando-lhes uma vida em que uma pessoa existisse dentro de casa para arrumar suas camas, lavar seus pratos sujos e limpar a sujeira que derramassem no chão? Como um indivíduo pode ser completo e compreender as relações e os seus deveres como ser humano se aprendesse desde cedo que alguns nascem para servir e que não é um deles? Como um indivíduo pode crescer sem lavar a sua própria cueca e limpar o que suja? Como um elemento tem a capacidade de sujar algo e jogar para que o outro limpe?

Muitos defendem a permanência de empregados domésticos, pois estariam oferecendo emprego aos que precisam, e argumentam que não há nada de errado em pagar para que alguém faça o trabalho chato e sujo que não querem fazer. Essas são boas argumentações, mas, se vivêssemos em uma sociedade mais evoluída, não precisariam existir pessoas que se sujeitam a trabalhar, muitas vezes, em condições humilhantes, fazendo o que os outros não querem fazer por eles mesmos e, depois, fossem para casa caindo aos pedaços para fazerem por si os mesmos trabalhos “humilhantes”. Se vivêssemos em uma sociedade igualitária, todos poderiam trabalhar em coisas interessantes e ter tempo para cuidar de suas próprias vidas e filhos. E, quando não quisesse fazer, pediria comida em casa ou mandaria a roupa para a lavanderia.

Um dia, num programa de esporte, que, aliás é só sobre futebol, vi uma mãe já idosa indo visitar o filho nos treinos com a netinha. O en-

graçado era que o bebê estava o tempo todo com a babá, mas nada foi mencionado sobre ela, era como se ela fosse invisível. Falavam da vovó dedicada, do papai amável, mas nenhuma palavra sobre a mulher invisível que estava carregando e cuidando da menina.

Ter um empregado doméstico é como ter uma coisa, um bem. Eu não conseguiria ser uma, nem conviver com uma me servindo dentro de casa, justamente porque não a vejo como um móvel, mas como uma pessoa completa e igual a mim.

Quando penso na relação da minha mãe com os patrões, me lembro de uma pessoa escravizada, submissa aos mandos dos donos. Eu não gosto disso. Eu não gosto de elevadores de serviço; eu não gosto de ver babás, principalmente quando elas usam uniformezinhos brancos; eu não gosto de fila VIP; eu não gosto de “serviço braçal ou intelectual”; eu não gosto de machismo, racismo, elitismo; eu não gosto de Boçalnaro.

Posso parecer radical, mas não há igualdade de oportunidades verdadeira onde as pessoas desejam ter empregados domésticos dentro de casa. Não me parece certo pagar alguém para que limpe nossa sujeira, nossas calcinhas encardidas, o barro dos nossos pés no chão, nossa cama suada e os pratos cheios de comida dentro da pia. Enquanto esse pensamento escravocrata e burguês prevalecer, não adianta fingir que nos tratamos igualitariamente, nem que já somos crescidos o suficiente.

SONHOS DE UMA MESTRANDA: SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Quando estamos imersos em um trabalho de pesquisa, e o objeto de estudo, assim como as teorias que se relacionam a ele, passam a fazer parte fundamental de nossa existência, encontramos-nos em um estágio emblemático em que muitas reflexões podem surgir de diversas maneiras. Permito-me mencionar um sonho que tive em uma dessas noites agitadas e que, ao acordar, nomeei-o de “sonho sobre a identidade”. Além de ser um dos sintomas do quão perturbador e profundo se torna o processo de pesquisa, a narrativa de um sonho tem muito a nos dizer sobre nossos medos, desejos e sobre reflexões em andamento, as quais surgem de maneira simbólica, como nos revelou Freud em seus escritos.

Esse foi um dos sonhos mais belos que já tive, esteticamente falando; iniciou-se em plano aberto, mostrando algumas casas de alvenaria em terra árida. O clima e a iluminação nos remetiam ao Oriente Médio, mas, em meu sonho, tratava-se da cidade em que cresci, Ipatinga. Eu estava lá para fazer um documentário sobre um grupo de jovens que se destacou pela originalidade da música. Juntamente com algumas pessoas da comunidade, sentei-me na beirada do asfalto e de lá observávamos, por entre pedras, os jovens negros e bem-produtos, gravando um videoclipe; eles se divertiam na areia da praia, com o mar ao fundo (em Ipatinga). Ouvíamos o som da música que misturava reggae e Luiz Gonzaga.

Passamos para outro plano, como se estivéssemos em um filme; agora estamos no meio de uma ruela escura, onde mal podemos distinguir os itens da paisagem escura. Uma menina, vestida com shorts e miniblusa, sem seios, descabelada e suja, nos fala. Ela seria a possível informante que nos ligaria aos personagens do grupo. Sua fala era triste para nós, mas era apenas a realidade para ela; contou-nos sobre seus filhos, que estavam esperando sozinhos e por isso tinha pressa; disse que um dos integrantes tinha ido para a França e esquecido a família na

favela; que outro tinha irmãos presos; e, ainda, que um terceiro deixava os pais passarem fome.

O filme do sonho agora mostrava um barraco escuro e entulhado, onde os integrantes do grupo chegavam, alegres e falantes e, rapidamente, tiravam seus sapatos e tênis de luxo para calçarem confortáveis e baratos chinelos e sandálias. Não precisavam mais representar, podiam ser eles mesmos e ficar com suas próprias identidades. A última cena de meu sonho, antes de ser acordada pelo sair do meu filho para a escola, foi a de um outro barracão escuro, onde uma japonesa com o rosto pintado de branco e vestida de gueixa sentava-se à espera de seu marido, um rapaz negro integrante do grupo musical. Ele aproximou-se dela e disse algumas poucas palavras em português, ela sorriu e disse, “sim”, com a compreensão de seu mundo às palavras do mundo dele. Jamais falariam a mesma língua. Acordei pensando sobre o que aquele sonho queria me dizer e sobre o que eu teria a dizer sobre aquele sonho.

Os integrantes podiam sair da favela, mas a favela nunca sairia deles, suas identidades estariam eternamente ligadas ao que eles vivenciaram em seu processo de crescimento e formação individual e coletiva. O ato de retirar os sapatos quando se encontravam em seu ambiente familiar, onde se sentiam confortáveis, onde tinham permissão para serem o que interiormente sentem que são, nos faz pensar sobre os papéis que precisamos representar em nossas rotinas, ou sobre as identidades que desejamos ou precisamos adquirir. O mesmo acontece com alguém que é habituado a comer frango com as mãos e precisa adotar uma forma de agir diferente do que lhe é natural, quando come em um restaurante ou quando precisamos ser polidos ao perceber que o atendente de um local é alguém de quem não gostamos. Trata-se do controle do corpo a que se referia Giddens: quando o corpo age controladamente a fim de representar um papel, de acordo com os comportamentos aprendidos socialmente. Nesse ponto, a memória e a identidade estão intimamente ligadas, pois é por meio da memória das práticas sociais, e de todos os elementos que fazem parte da memória coletiva e social de uma comunidade, que as identidades são construídas e significam.

FUTEBOL: O CULTO AO CULTO

Tenho falado um pouco sobre o futebol e o que percebo agora, mais claramente, é que se construiu a cultura de se cultuar o próprio culto ao futebol, ou seja, é considerado meritoso se descabelar, sofrer e dar a alma pelo time de futebol, cultua-se essa paixão descabida e desenfreada; o verdadeiro torcedor seria aquele que faz parte de torcidas organizadas, que paga mensalidade para o clube, que frequenta estádio assiduamente, que veste a camisa, que desqualifica o adversário, que chora, grita e se desespera, e isso seria uma grande qualidade, segundo os apaixonados por esse esporte.

Esse culto ao fanatismo foi se criando em nossa cultura com grande ajuda da mídia, obviamente, como podemos ver nas capas de todos os jornais. Futebol sempre é destacado como a coisa mais séria e importante em nosso país, como poderíamos duvidar? Os jornais retratam o que é importante para o povo, ou criam necessidades e “importâncias”? Bem, essa é outra discussão.

Quando se fala sobre fanatismo em outras esferas, isso geralmente é visto com negatividade, como no caso do fanatismo religioso, mas, ao contrário, no caso do futebol, parece ser obrigação para os seus amantes. Alguns admiram-se em assistir a crianças sofrendo profundamente com a derrota de um time, admiram o “amor” doído e a escravidão servil, a devoção a uma camisa, uma bandeira e a jogadores milionários.

Não, eu nunca entenderei que as pessoas realmente levem a sério o futebol e, quando digo levar a sério, refiro-me a alterar todo o comportamento por causa de campeonatos. Jamais entenderei a alegria desmesurada em ver um time vencer outro. Entendo apenas que essa é uma forma que pessoas encontraram para dar sentido às suas vidas, de saírem de suas capas protetoras da civilização e, por esse lado, até que gostaria de ter uma paixão que me fizesse sair de minha armadura e me permitis-

se ser mais humana do que gente civilizada, arrancando tudo o que fica doente de dentro da alma, mas ainda não tenho.

Só acho que tudo o que escraviza, transforma as relações, gera *stress* e ansiedade não pode ser algo saudável. Sim, é um culto, porque se trata de religião e de fé, de veneração e paixão e, mais que isso, de submissão diante de um ser sagrado. Nunca tive religião. Talvez isso que me falte para compreender e ser mais humana. Ou não.

O PÊNDULO E A MAÇÃ

Como já disseram muitos, a sociedade vive sobre um pêndulo que é movido pelas necessidades sociais humanas, que vão, lentamente, modificando as relações, em tese. Em História, podemos comprovar como a moral humana vai é transformada e conduzida por esse pêndulo, até que chegue ao seu extremo e retroceda. Estávamos vindo de uma onda progressista, quando as minorias estavam tomando novas posições e acessando mais direitos, até que essa onda se radicalizou, quebrou a hegemonia do discurso dominante e esses donos do discurso se rebelaram. Hoje, podemos ouvir claramente, não apenas no Brasil, os berros dos descontentes reivindicando o direito de ter uma sociedade conservadora, como havia sido até então; e o pêndulo está avançando, de novo, para outra direção, lentamente.

Por esse pêndulo, e pela “dialectice” da história, como diz meu marido, podemos perceber que até hoje a sociedade não se acertou em relação às suas regras de existência, ou seja, ainda não sabemos qual é a melhor maneira de vivermos dentro dela. Desnecessário falar sobre as infinitas infinidades de peculiaridades individuais e coletivas de cada nicho cultural, ou sobre a suposta evolução humana, seja lá o que isso queira dizer, já que a sociedade só não é a mesma da época das cavernas porque existem a linguagem e a transferência dos costumes e do conhecimento ao longo de gerações, ou seja, já nascemos no mundo como ele é, se somos mais “evoluídos” que os egípcios por causa da longitude temporal em que estamos, já é outra questão.

A minha filosofia é a seguinte: viva e deixe viver! Ou seja, cada um que cuide de si e de sua intimidade e deixe que o outro cuide da dele. Respeitemos o que é sagrado para o outro, lutemos para que haja paz e que todos possam ter as mesmas oportunidades, porque isso traz paz e bonança para a sociedade, e nos juntemos aos que nos agradam e queiram ter a mesma intimidade que nós. Toleremos as diferenças e aceite-

mos que o outro possa ter as certezas dele, mesmo que sejam diferentes das nossas (isso é o mais difícil, porque certezas, obviamente, são excludentes). Por toda complexidade e dificuldade de se agir dessa forma, creio que a humanidade ainda está a léguas da “evolução”.

E eu? Estou aqui, nessa ambiguidade desse pêndulo, que hora está lá e hora cá. No fundo, só quero continuar vivendo um amor tranquilo, com sabor de fruta nova, sem mentiras, sem sacanagens, um lar acontechante e prazeres diários, sem que ninguém venha atormentar a minha paz escolhida.

O MUNDO SÓ VAI MUDAR QUANDO CADA UM LAVAR O SEU PRÓPRIO BANHEIRO

As coisas só vão mudar quando cada um lavar o seu próprio banheiro; isso quer dizer que enquanto houver alguém que pense que outra pessoa precise limpar o local onde faz suas necessidades naturais, considerando tal trabalho algo indigno de sua santidade, o papo de igualdade não vai deixar de ser papo. Ave, as revoluções e seu legado, mas a revolução verdadeira é mais embaixo.

Igualdade, fraternidade e liberdade, palavras que serviram bem para redesenhar o mundo e acabar com privilégios eternos e divinos, mas, financiando a “igualdade”, havia interesses dos burgueses capitalistas. Mudou? Claro. Mas a igualdade, cadê?

Podemos dizer que nos países europeus há outras políticas e culturas que promovem a melhor distribuição de renda, e que muitas pessoas lavam o seu próprio banheiro, obrigado, Jesus! Mas cultura é um troço complexo. Na Índia, por exemplo, indianas não gostam que outra pessoa cozinhe seu alimento, não por pensar que todos devam cozinhar, mas por não confiarem nos empregados, que geralmente são de castas inferiores, a quem são reservadas as fezes da Índia. A metáfora de lavar banheiro significa que as pessoas precisam se ver como iguais e que não deveria haver níveis ou castas, ou seja, que ninguém deveria ter privilégios a ponto de pensar que limpar a própria merda é algo que apenas pessoas indignas, pobres, ignorantes e amaldiçoadas devem fazer. A questão é o lugar a que cada um pensa pertencer na hierarquia da raça humana; é uma questão de hierarquia social que engloba diversos fatores. Assim como os velhos reis pensavam, políticos, burgueses, médicos, advogados, professores, comerciantes, grandes empresários e líderes religiosos podem julgar pertencerem a uma classe superior dentro da raça

humana e que, por isso, possuem o direito de ter privilégios. Vão lavar seus banheiros, cambada!

A questão não é poder pagar por um serviço que eu não quero realizar, pois qualquer trabalho tem o mesmo valor no equilíbrio social, a questão é pensar que eu não posso lavar o banheiro, porque simplesmente não posso, pois o trabalho não é digno de quem eu sou, a ponto de se possuir a certeza de que outra pessoa deveria limpar toda a minha sujeira. A questão é essa: a certeza de que somos diferentes e de que alguém nasceu pra limpar as merdas que eu fizer.

Enquanto isso não mudar, não creio que haverá igualdade, se é que isso seja possível, apesar e além de todas as revoluções.

AS CRIANÇAS QUE MATAMOS

Gente é um troço engraçado. Nascemos e começamos a interagir com os que nos rodeiam. Crianças pegam no seu cabelo se tiverem vontade, mesmo que seja a primeira vez que o vejam. Crianças correm e abraçam seus amiguinhos quando estão com saudade, crianças choram quando magoadas, crianças demonstram admiração quando uma pessoa bonita se aproxima e até pedem colo; crianças dançam quando ouvem música, mesmo que estejam dentro de um supermercado, e dançam com a alma, não apenas remexem os membros discretamente. Seres humanos em seu estágio primário de desenvolvimento não sabem o que é adequado, educado, polido. Apenas são quem são.

Um dia alguém vem e diz: “Não pode dançar na rua, que ridículo! Não é educado falar da aparência das pessoas! Você tem que parecer forte, não chore por nada! Endireite esse corpo! Você não sabe dançar, nem tem corpo para isso! Não demonstre tanto que está apaixonado, se valorize! Não pareça ridículo!”. Então, você cresce.

Para viver adequadamente, precisamos conhecer as regras que nos tornam seres toleráveis dentro da sociedade. Se quisermos ser tolerados, não devemos fazer ou dizer tudo o que pensamos, se assim fizermos, o mundo se transformará em caos. Para nos adequarmos, vestimos máscaras frias e sorridentes e vamos também tolerando os intoleráveis da vida, desmanchando nossas vontades e reescrevendo as verdades.

Nesse reescrever, nos inscrevemos nos moldes rígidos e afastamos do que nascemos para ser, é a sociedade. Não sabemos mais se sentimos e contemos tudo o que possamos desejar genuinamente, e isso se reflete em nossa maneira de agir e sentir. Tornamo-nos robôs movidos pelas necessidades criadas e programados pelas regras sociais da aceitação.

Chega um momento em que começamos a sentir falta de algo, de nós mesmos, e isso vai crescendo até que não possamos ignorar. Essa

falta de nós vai nos incomodando, nos cutucando, até que se torna uma ferida aberta impossível de não ser vista. Quando não mais a suportamos, vamos em busca de remédios que aliviem essa ferida de contenção do ser, pensando que há algo fora de nós que vai nos resgatar de nós mesmos. Alguns viajam até a Índia em busca do sagrado, outros vão ser possuídos em terreiros de umbanda, alguns caem nas igrejas com gritos de seus pastores, uns se entregam ao samba, muitos se acabam no *funk*, ou na biodança. Há também os que escolhem o teatro como maneira de se libertar das amarras sociais, a música, ou qualquer outro tipo de arte. Há quem caia no encanto de drogas alucinógenas, algumas sacralizadas como o santo-daime. Cada uma dessas pessoas encontra esse momento para liberar o que não pode ser liberado cotidianamente e ser o que falta. Ser humano, com impulsos, desejos, carências e expressão. Reaprender a sentir, movimentar, tocar, se expressar acima de tudo. As pessoas precisam reinventar técnicas para serem de novo crianças e rever o mundo com olhos virgens e interessados, por alguns instantes ou para o resto da vida.

Há muito sobre nós que desconhecemos e, talvez, nunca conheçamos. Sabemos que existem coisas que os nossos sentidos ainda não estão aptos a captar, como as ondas de rádio e tantas outras coisas das quais nem podemos saber da existência. Há mistérios não desvendados e que passaram a ser ignorados, e há perguntas das quais nos esquecemos. Esquecemo-nos de notar o milagre que é um ser vivo emitir luz ou mudar a cor de sua pele, ou até mesmo produzir eletricidade. Esquecemo-nos de observar que uma abelha já nasce sabendo construir sua colmeia, e uma tartaruga que sabe que tem que correr para o mar. Animais nascem sabendo, e nós ainda somos animais. Mas sabemos apenas que o pouco que podemos captar por meio de nossos sentidos é capaz de causar alterações em nosso cérebro e nos levar para outro estágio de consciência, como os sons e as imagens. Sabemos que as palavras possuem poderes, pois elas são a representação do real e torna reais suas representações. Sabemos que a fé transforma, qualquer tipo de fé, pois ela move e comove. Dessa forma, artifícios sociais que fogem das rotinas sociais (antagô-

nico?) servem bem aos seus propósitos, ajudando-nos e permitindo-nos ser e transcender suas teorias, promessas ou perguntas. Nesse espaço permitem-nos e permitimo-nos ser tudo e liberar tudo, para depois *re-*vestir a máscara dura, boazinha, profissional e sorridente, sem toda a tensão causada pela ferida aberta.

Quem dera pudéssemos ser, apenas. Mas a sociedade nos distorce e depois precisamos de artifícios para lembrar quem éramos.

Ignorando os charlatanismos, o moralismo, os supostos efeitos nocivos que alguns elementos possam causar, os modismos e tudo o que possa parecer negativo, é bom que existam estratégias para que nossas armaduras de robôs não explodam e para que sejamos capazes de tolerar o teatro que criamos para nós mesmos.

SOBRE A AUTORA

Luciana de Fátima Ferreira nasceu em Ouro Preto, em 1976. Fez Bacharelado em Tradução pela Universidade Federal de Ouro Preto, sendo a primeira pessoa de sua família a entrar para o ensino superior; em 2019, defendeu o mestrado em Letras na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) com a dissertação “Meninas da FEBEM: uma análise de narrativas de ex-internas da FEBEM de Ouro Preto”, em que analisou os recursos linguísticos e discursivos utilizados por ex-internas para representarem a sociedade, a FEBEM e a elas mesmas. Trabalha atualmente na biblioteca do Instituto Federal de Ouro Preto e já fez parte de trabalhos do grupo de teatro *As Medeias*, entre outras atividades artísticas.

Este livro foi desenvolvido com as fontes Berkeley
Oldstyle e Pill Gothic, conforme Projeto Gráfico
aprovado pela Diretoria da Editora UFOP.



Universidade Federal
de Ouro Preto



editora**UFOP**

ISBN 978-65-89785-13-2



9 786589 785132